

REVISTA

VOLUME XXI - 2023

TAMISES

21

*Academia de Letras
da Grande São Paulo*



Gonçalves Dias
BICENTENÁRIO



TAMISES

VOLUME XXI - 2023

REVISTA
DA ACADEMIA
DE LETRAS
DA GRANDE
SÃO PAULO

*PRO BONO
ET BELLO*

Coordenação Geral

Maria Zulema Cebrian

Revisão

Maria Zulema Cebrian

Paula Fiorotti

Secretaria e Coordenação

Maria Aparecida Mancini Fedatto

Editoração

Maria Zulema Cebrian

Maria Aparecida Mancini Fedatto

Projeto Gráfico e Capista

Roberta Giotto

Impressão

Alphagraphics Bela Vista

Copyright@2023 – da ALGRASP

*Permitida a reprodução de textos originais,
mesmo parciais, e por qualquer processo,
com autorização da ALGRASP*

*Os conceitos emitidos pelos articulistas
e/ou manifestantes são de inteira
responsabilidade de seus autores.*



Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Santa Paula - CEP: 09521-520
São Caetano do Sul – SP
Tel.(0xx) 11 4221-1643

www.algrasp.com.br
academiadeletrassp@gmail.com

*Composto em sistema de editoração eletrônica
Impresso no Brasil*

DIRETORIA

Presidente de Honra

José Auricchio Júnior

Presidente

Maria Zulema Cebrian

Vice-Presidente

José Roberto Espíndola Xavier

Secretário

André Aparecido Bezerra Chaves

Tesoureiro

Sebastião G. Ferreira Gomes

Coordenação da Biblioteca

Maria do Céu Formiga de Oliveira

Conselho Fiscal

Humberto Domingos Pastore

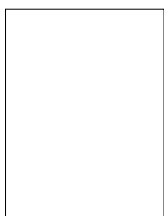
José Bueno Lima

Alcidéa Miguel



CADEIRA
01

Patrono:
Gustavo Teixeira
Acadêmico:
**SEBASTIÃO GERALDO
FERREIRA GOMES**



CADEIRA
02

Patrono:
Olavo Bilac
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
03

Patrono:
Guilherme de Almeida
Acadêmico:
**MARIA ZULEMA
CEBRIAN**



CADEIRA
04

Patrono:
Rui Barbosa
Acadêmico:
**AGNALDO L.
SACRAMENTO**



CADEIRA
05

Patrono:
Lima Barreto
Acadêmico:
MILTON BIGUCCI



CADEIRA
06

Patrono:
Machado de Assis
Acadêmico:
**ANDRÉ APARECIDO
BEZERRA CHAVES**



CADEIRA
07

Patrono:
Raul de Leoni
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
08

Patrono:
Monteiro Lobato
Acadêmico:
**MÁRIO PORFÍRIO
RODRIGUES**



CADEIRA
09

Patrono:
Rinaldo Gissoni
Acadêmico:
ANA MARIA STOPPA



CADEIRA
10

Patrono:
José de Anchieta
Acadêmico:
**PADRE JORDÉLIO
SILES LEDO**



CADEIRA
11

Patrono:
Rocha Pombo
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
12

Patrono:
Herculano Pires
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
13

Patrono:
Alberto Torres
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
14

Patrono:
Álvares de Azevedo
Acadêmico:
JOSÉ BUENO LIMA



CADEIRA
15

Patrono:
Martins Fontes
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
16

Patrono:
Euclides da Cunha
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
17

Patrono:
José de Alencar
Acadêmico:
JOSÉ CARLOS DONADÁO



CADEIRA
18

Patrono:
Judas Isgorogota
Acadêmico:
GUARACIABA GISSONI



CADEIRA
19

Patrono:
D. Aquino Correa
Acadêmico:
**HUMBERTO DOMINGOS
PASTORE**



CADEIRA
20

Patrono:
Mário de Andrade
Acadêmico:
SÉRGIO BALLAMINUT



CADEIRA
21

Patrono:
José Lins do Rego
Acadêmico:
**GONÇALO SILVA
JÚNIOR**



CADEIRA
22

Patrono:
Castro Alves
Acadêmico:
JOSÉ JÚLIO FERNANDES



CADEIRA
23

Patrono:
Tristão de Athayde
Acadêmico:
**HILDEBRANDO
PAFUNDI**



CADEIRA
24

Patrono:
Alberto de Oliveira
Acadêmico:
**JOSÉ ROBERTO E.
XAVIER**



CADEIRA
25

Patrono:
Vinicius de Moraes
Acadêmico:
**ALCIDÉA MIGUEL
DE SOUZA**



CADEIRA
26

Patrono:
Cecília Meireles
Acadêmico:
EVA BUENO MARQUES



CADEIRA
27

Patrono:
Jorge Andrade
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
28

Patrono:
**Catulo da Paixão
Cearense**
Acadêmico:
JOÃO BOSCO DOS SANTOS



CADEIRA
29

Patrono:
Humberto de Campos
Acadêmico:
ROBERTO DE CARVALHO



CADEIRA
30

Patrono:
Augusto dos Anjos
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
31

Patrono:
Gonçaves Dias
Acadêmico:
MARIAH MORAIS



CADEIRA
32

Patrono:
Manuel Bandeira
Acadêmico:
**CLAUDIO ROGÉRIO
BRACO**



CADEIRA
33

Patrono:
Amadeu Amaral
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
34

Patrono:
**Carlos Drummond de
Andrade**
Acadêmico:
DANIEL BELUCCI CONTRO



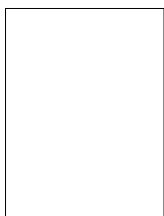
CADEIRA
35

Patrono:
Plínio Salgado
Acadêmico:
VAGA



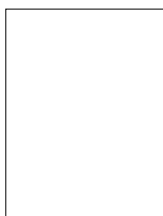
CADEIRA
36

Patrono:
Cora Coralina
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
37

Patrono:
Afonso Schmidt
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
39

Patrono:
Casemiro de Abreu
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
38

Patrono:
Mário Quintana
Acadêmico:
**MARIA DO CÉU
FORMIGA DE OLIVEIRA**



CADEIRA
40

Patrono:
Guimarães Rosa
Acadêmico:
VAGA

SÓCIO
CORRESPONDENTE



**ANA
CRISTINA
SILVA ABREU**
Praga
(República
Tcheca)



**ANA LUIZA
ALMEIDA
FERRO**
São Luiz
(Maranhão)



**FLÁVIO
FERREIRA DE
MELO**
Siqueira
Campos
(Paraná)



**GIOVANNI
MONOPOLI**
Taranto (Itália)



**TERESA
GENTILE**
Taranto (Itália)



**VALDÍVIA
BEAUCHAMP**
Nova York e
Portugal

17

Apresentação

19

Profissão de Fé
Acadêmica

21

Intercâmbio
Revista
Tamises 20

25 Necrológio

27 NECROLÓGIO PARA
CELSO DE ALMEIDA CINI
Eva Bueno Marques

28 *Maria Zulema Cebrian*

31 Textos

32 BICENTENÁRIO DE GONÇALVES DIAS
Maria Zulema Cebrian

38 O NOTÁVEL POETA ANGRENSE
Roberto de Carvalho

46 FERNANDO PESSOAS
Sérgio Ballaminut

55 ALEIJADINHO, O GÊNIO DA ARTE BARROCA
NO BRASIL COLONIAL
Eva Bueno Marques

- 66 O PAI DO HOMEM NU COMPLETA 100 ANOS
Humberto Domingos Pastore
- 69 JOSÉ CONDÉ: HUMILDE ENTRE OS GRANDES
ESCRITORES, INESQUECÍVEL PELOS LEITORES
André Chaves
- 79 LEMBRANÇAS SADIAS DE UM PAÍS ENTÃO SADIO
E DESEJADO – IMIGRAÇÃO AMERICANA
Valdívia Beauchamp
- 83 MARINA ROLIM
José Bueno Lima
- 85 MUDE, MELHORE, CRIE!
Milton Bigucci
- 92 VIOLÊNCIA NÃO, POESIA SIM!
Alcidéa Miguel
- 97 RELACIONAMENTOS
PACÍFICOS E PACIFICADORES
Maria do Céu Formiga de Oliveira
- 101 A MENSAGEM ASTROLÓGICA
DO NASCIMENTO DO MESSIAS
Celso de Almeida Cini
- 106 CARTOLA - SAUDADE DO CARTOLINHA CLUBE
Hildebrando Pafundi

111 Poesias

- 112** *Ana Luiza Almeida Ferro*
O GIGANTE DO LARGO DOS AMORES!
- 114** *Ana Stoppa*
AONDE VAI ESTE MUNDO
CANTO DO FUTURO
LOUCOS CÍRCULOS
- 117** *Sebastião Geraldo F. Gomes*
ONDE FOI QUE ERRAMOS
TOQUE DA PAIXÃO
PERDÃO
A FARDA VERDE-OLIVA
NÃO POSSO BRILHAR
NÃO VEJO A FLOR
- 121** *Giovanni Monopoli*
MIGALHAS DE PÃO, MIGALHAS DE VIDA
- 122** *Teresa Gentile*
AS ALMÔNDEGAS MÁGICAS DE MARTINA
- 124** *IN MEMORIAM*
Gioconda Labecca
EXALTAÇÃO À GUANABARA
- 126** *Rinaldo Gissoni*
OS VENTOS...OS VENTOS
PRIMAVERIL
GRANDE SERTÃO
ALMAS REDIVIVAS

129 Discursos de Posse

130 *Maria Zulema Cebrian*
PRONUNCIAMENTO DE APRESENTAÇÃO

132 *Guaraciaba Gissoni*
PRONUNCIAMENTO DE POSSE

Apresentação

*Maria
Zulema
Cebrian*

Presidente da
Academia de
Letras da Grande
São Paulo

A Academia de Letras da Grande São Paulo uma vez mais edita a Revista *Tamises*, que chega à sua 21ª edição. Durante estes anos, os Acadêmicos e Acadêmicas que constituem esta Casa procuraram apresentar-lhes trabalhos que expressassem o sublime conservado em suas almas de artistas da palavra.

A produção literária demanda uma apaixonada energia e sentimentos, cuja manifestação é determinada pela qualidade e características com que são elaborados, almejando que suas histórias alcancem seu propósito e que encantem os leitores.

O ano de 2023 veio permeado por diversos acontecimentos no âmbito político, social e cultural que nos inspiraram, mais uma vez, na construção desta revista. **T**



Profissão de fé acadêmica

POSSA A MINHA
INTELIGÊNCIA
ESTAR SEMPRE
A SERVIÇO DO
BEM E DO BELO


QUE O MEU
TALENTO SIRVA
À PERFEIÇÃO DA
LÍNGUA PORTUGUESA

QUE EU POSSA,
SEMPRE, TRANSMITIR
MENSAGENS DE PAZ,
AMOR E CONFIANÇA

ASSIM ESTAREI
RECOMPENSADO
DOS MEUS ESFORÇOS

No ano de 2023, a **ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO**, mediante intercâmbio cultural, divulgou sua revista *Tamises 20* com as Academias de Letras do Brasil, jornais, jornalistas, entidades de classe e visitantes.

Academia de Letras do Norte Pioneiro (PR)
Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro (RJ)
Academia Paulista de Letras, São Paulo (SP)
Academia de Letras da Bahia, Salvador (BA)
Academia Paranaense de Letras, Curitiba (PR)
Academia de Letras do Vale do Iguaçu, União da Vitória (PR)
Academia de Letras de Rondônia, Porto Velho (RO)
ABEC-Academia Bras.Educ. Cult.Ltda., Rio de Janeiro (RJ)
Academia Amazonense Letras, Manaus (AM)
Academia Cachoeirense de Letras, Cachoeira de Itapemirim (ES)
Academia Carioca de Letras, Rio de Janeiro (RJ)
Academia Cearense de Letras, Fortaleza (CE)
Academia das Letras do Noroeste de Minas, Paracatu (MG)
Academia de Ciências e Letras de Conselho Lafaiete (MG)
Academia de Ciências e Letras de Maricá, Marica (RJ)
Academia Guanabarina de Letras, Rio de Janeiro (RJ)
Academia de Letras Ciências e Artes de Manaus, Manaus (AM)
Academia de Letras e Artes do Planalto, Luziânia (GO)
Academia Caxiense de Letras, Caxias (MA)
Academia de Letras do Brasil Mariana, Mariana (MG)
Academia Poços Caldense de Letras, Poços de Caldas (MG)
Academia Pouso-Alegrense de Letras, Pouso Alegre (MG)

Ateneu Angreense de Letras e Artes, Angra dos Reis (RJ)
Academia Fluminense de Letras, Rio de Janeiro (RJ)
Academia Santo-Angelense de Letras, Santo Ângelo (RS)
AFEMIL – Academia Feminina Mineira de Letras (MG)
Associação Cultural Raul Pompeia (RJ) 

Necrológio





CELSO DE ALMEIDA CINI

CADEIRA 37 - PATRONO AFONSO SCHMIDT

NECROLÓGIO AO AMIGO E CONFRADE

*Eva Bueno
Marques*

Quantos comoventes necrológios você escreveu para os confrades da Academia de Letras da Grande São Paulo (Al-grasp), que já se foram? E hoje, com imensa tristeza, é você o destinatário de nossas palavras de despedida, desta merecida homenagem. Você foi morar num mundo onde a dor não existe, onde o sofrimento não faz morada. É só luz, beleza, contemplação e adoração.

Neste momento crucial de dor, em que os vivos se despedem dos mortos, em que as lágrimas caídas se transformarão em infinita saudade, entronizaremos no peito essa lembrança eterna de um grande amigo, exemplo de ser humano, dono de uma vasta cultura, mestre com ensinamentos sobre a vida, que é uma curta passagem por esta terra, tão cheia de precipícios, de trechos sinuosos, que nos fez refletir com ponderação e sensatez sobre o sentido dessa humana caminhada. Sim, o *Sentido da Vida*, este o nome do livro que deixou escrito, e que, em síntese, diz que nascemos para amar, perdoar e servir. Este foi o seu lema durante sua bela passagem por aqui, deixando-nos belos exemplos, como um ser humano evoluído e rico em virtudes.

Hoje não necessita mais do seu potente telescópio, você já se mistura com os astros, numa constante alvorada, na eterna alegria, no céu da vibração!

Os anjos estarão ao seu lado, com certeza, com sopros de brisa e sons de harpa para acompanhá-lo com sua gaita, na leveza do lindo *Edelweiss*.

Aí, os concertos serão executados sem o *The End*, o *C'est Fini*. Talvez intercalados com o *Poema Terciário*, de Domingos Carvalho da Silva, e que você declamava com tanta eloquência: "Cavalos já foram pombos na madrugada do outrora".

E as trovinhas lá da sua querida Faculdade de São Francisco, que eram ditas sempre por você, a *Folha Dobrada*, de Tobias Barreto, ficarão por aqui:

Quando se sente bater
No peito a heroica pancada,
Deixa-se a folha dobrada,
Enquanto se vai morrer.

Hoje, você deixa aqui a sua folha dobrada, tão bem escrita, com trabalho honrado, zelo com a família, amor a Deus e amizade por todos que lhe foram caros e leva o aprendizado de uma alma generosa que buscou servir, perdoar e amar. Será lembrado com carinho por todos nós, que ficamos órfãos de um amigo tão querido.

Você fará muita falta. A literatura chora a sua partida e nós choramos também. Nesse vazio que deixas, cairão folhas secas de saudade, junto a nossas lágrimas e teremos a sua marcante presença em nosso coração. Nossa eterna gratidão! Vá com Deus, o céu o espera em festa! Um dia estaremos todos juntos na glória eterna. **T**

NECROLÓGIO PARA DESPEDIDA ACADÊMICA

São Caetano do Sul, 16 de junho de 2023.

Querido e pranteado companheiro, irmão e confrade, Acadêmico Celso de Almeida Cini, amigo, ilustre colega de profissão, companheiro de lutas e de agradáveis e amistosas tertúlias, os temores, angústias e males físicos nunca mais causar-lhe-ão tristeza ou amargura à sua alma benfazeja. Você foi sempre o irmão e amigo das horas mais agradáveis em nossa Academia, para todos e em tudo. E nosso convívio, por curto que tenha sido, foi a graça que aspergiu bênçãos, aqueceu nossos corações e acalentou e manteve nosso espírito fraterno.

***Maria
Zulema
Cebrian***

Sua alma e seu espírito foram em direção a Cristo, nosso irmão, para o julgamento final. Mas, suas qualidades e talentos, como homem, esposo, pai amoroso e escritor de talento criativo, falarão alto e defenderão seu caráter idôneo, com seu modo humilde de servir. Foi para isto que nascemos: para conhecer, amar e servir ao Pai Celeste.

Amigo Celso de Almeida Cini, agora sabemos que a morte não existe, mas é a porta entre este vale de lágrimas e o mundo celestial, onde não se conhecem dores, tristezas, desamor, conflitos, vaidades, ambições. Para além dessa porta está o mundo da reconciliação, do perdão, do amor, onde rompantes cedem lugar ao bem, à bondade e ao belo verdadeiro que o Altíssimo nos concedeu.

A morte, nossa comunhão coletiva que celebra a efetivação dos preceitos de nossa passagem, é, portanto, meio, e não fim, mas o único meio de transitar em direção à eternidade divina. É nossa travessia. Todos por aí passaremos, abandonando este mundo material que é efêmero. E ninguém, e nada, subtrair-nos-á essa passagem. E sozinhos atravessaremos essa porta, para o retorno definitivo à eternidade.

Confrade Celso de Almeida Cini, que o Todo Poderoso o ilumine e que, seu espírito imortal siga iluminado pela Luz Eterna que emana da face do Altíssimo Senhor!

Um dia haveremos de fruir lado a lado dessa glória, e juntos relembremos os grandes e bons momentos que desfrutamos aqui, o que nos unirá para sempre na Eternidade. Portanto, aqui fica o nosso até breve, confrade e amigo valoroso, Celso de Almeida Cini, até breve! **T**

Textos



BICENTENÁRIO DE GONÇALVES DIAS

*Maria
Zulema
Cebrian*

“Bendita a hora em que nasce um gênio, aqui, ali, além, que importa se for luz benéfica que esclareça e guie a humanidade? A essa outorga Deus parte de suas atribuições, e ordena-lhe que trabalhe e produza, e o mundo dá mais um passo para adiante no estágio do progresso e pela perfectibilidade humana, impelido por essa nova força.

A essência divinal que se infunde na alma do artista e do poeta e o enaltece e diferencia dos demais homens, tornando-se também por isso mesmo seu maior tormento; porque, quanto mais arrojados e altivos são seus voos, é menos compreendido por seus contemporâneos, e mais se rebela ele próprio contra a frágil e terrena natureza que o encarcera, acanha e comprime. Admiro e venero a todos esses verdadeiros eleitos.”

Antonio Henriques Leal

Pantheon Maranhense (Tomo I)

Antônio Gonçalves Dias, mais conhecido como Gonçalves Dias, nasceu em Caxias (MA), em 10 de agosto de 1823, e faleceu em um naufrágio, no Maixio dos Atins, no mesmo Estado, no dia 3 de novembro de 1864. É o patrono da Cadeira 31 da Academia de Letras da Grande São Paulo.

Foi poeta, professor, jornalista e teatrólogo brasileiro. É lembrado como o grande poeta indianista da Primeira Geração Romântica. Deu romantismo ao tema indígena e uma feição nacional à sua literatura. É considerado um dos melhores poetas líricos da literatura brasileira.

Depois de completar os seus estudos de Latim, Francês e Filosofia, em 1838, exilou-se em Portugal por ter se envolvido nas guerras contra a independência do Brasil. Em Coimbra, ingressou no Colégio das Artes, onde concluiu o curso secundário. Em 1840, matriculou-se na Universidade de Direito de Coimbra e teve contato com escritores do ro-

mantismo português, entre eles, Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Feliciano de Castilho.

Se acompanharmos Gonçalves Dias desde o berço até a sepultura, encontraremos em muitos dos seus versos o verdadeiro reflexo dos seus sentimentos, o cunho de sua individualidade dupla. Poeta objetivo e subjetivo, inspira-se e canta a natureza esplêndida e luxuosa do Brasil, e o aspecto das nossas brenhas com a sua solidão majestosa, imponente e sublime; advindas das dores que o atormentavam, lhe despedaçavam o coração e lhe perturbavam o espírito. A cidade de Caxias, onde residiam seus pais, o negociante João Manuel Gonçalves Dias e Vicencia Ferreira, não lhe oferecia a segurança necessária, em virtude de que se expressava franca e letalmente contra as perseguições e era visto como inimigo da causa nacional.

Licenciou-se em Direito na Universidade de Coimbra, onde escreveu seu poema mais consagrado: *Canção do Exílio*. Graduou-se em 1845 e retornou ao Brasil, passou rapidamente pelo Maranhão e, em meados de 1846, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde morou até 1854, tendo feito apenas uma rápida viagem ao Norte do país, em 1851.

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o Sabiá;

As aves, que aqui gorjeiam,

Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,

Nossas várzeas têm mais flores,

Nossos bosques têm mais vida,

Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Em 1848, escreveu mais dois livros de poesia: *Segundos Cantos e Sextilhas de Frei Antão*. Em 1849, tornou-se professor de Latim e História no Colégio Pedro II e fez expedições ao Rio Negro e Madeira Rivers, como membro da Comissão Científica de Exploração. Foram escritas, em Manaus, no período de maio a junho de 1861, as poesias mais profundamente sentidas, com as quais Gonçalves Dias exprimiu a sua crise romântica. Esses dois meses devem ser considerados os mais pungentes de sua existência. O sentimento do exílio que o dominou agravou-se na Amazônia, com a memória do amor perdido de Ana Amélia Ferreira do Vale, o grande amor de sua vida, de 14 anos. E quem sabe, motivo do seu total desapego à vida e que deixou registrado no seu *Diário da viagem ao Rio Negro*, como ressonância da crise que sofreu na época.

Em 1851, publicou seu último livro de poesia, *Últimos Cantos*, ano em que viajou para o Norte do Brasil, planejando casar-se com Ana Amélia, a quem dedicou seus mais famosos e belos poemas de amor, como *Seus olhos*, *Leviana*, *Palinódia* e *Retratação*. Ana Amélia era prima de Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, irmão de Antônio Henriques Leal, um famoso jornalista, escritor, médico, biógrafo e historiador brasileiro conhecido como o Plutarco de Cantanhede. Em 1875, Antônio Henriques Leal editaria as obras póstumas de Dias, em seis volumes.

Seus Olhos

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,

De vivo luzir,

Estrelas incertas, que as águas dormentes

Do mar vão ferir;

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,

Têm meiga expressão,

Mais doce que a brisa, — mais doce que o nauta

De noite cantando, — mais doce que a fruta

Quebrando a solidão.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,

De vivo luzir,

São meigos infantes, gentis, engraçados

Brincando a sorrir.

São meigos infantes, brincando, saltando

Em jogo infantil,

Inquietos, travessos; — causando tormento,

Com beijos nos pagam a dor de um momento,

Com modo gentil.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Assim é que são;
Às vezes luzindo, serenos, tranquilos,
Às vezes vulcão!
Às vezes, oh! sim, derramam tão fraco,
Tão frouxo brilhar,
Que a mim me parece que o ar lhes falece,
E os olhos tão meigos, que o pranto umedece
Me fazem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranquilo,
Desperta a chorar;
E mudo e sisudo, cismando mil coisas,
Não pensa — a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, do infante,
Às vezes do céu
Cai doce harmonia duma Harpa celeste,
Um vago desejo; e a mente se veste
De pranto co'um véu.

Quer sejam saudades, quer sejam desejos
Da pátria melhor;
Eu amo seus olhos que choram sem causa
Um pranto sem dor.

Eu amo seus olhos tão negros, tão puros,
De vivo fulgor;
Seus olhos que exprimem tão doce harmonia,
Que falam de amores com tanta poesia.
Com tanto pudor.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Assim é que são;
Eu amo esses olhos que falam de amores
Com tanta paixão.

No entanto, a mãe de Ana Amélia não permitiu o casamento, alegando, como pretexto, a origem mestiça dele, fato que inspirou seu famoso poema *Ainda uma vez – adeus!*. Anos depois, de volta ao Rio, casou-se com Olímpia Carolina da Costa, teve uma filha natimorta e, em 1856, divorciou-se.

De 1854 a 1858, esteve na Europa, em missões especiais para o secretário de Relações Exteriores, onde estudou o estado da instrução pública nas instituições de ensino. Em 1856, em Leipzig, na Alemanha, publicou seus três livros de poesia em um único volume, intitulado *Cantos*, escreveu os quatro primeiros cantos do poema épico *Os Timbiras* — que deixou inacabado —, e o *Dicionário da Língua Tupi*. Retornando ao Brasil em 1860, fundou a revista *Guana-bara*, ao lado de Joaquim Manuel de Macedo e Manuel de Araújo Porto-Alegre. Em 1862, voltou ao Rio de Janeiro e, em outubro de 1863, escreveu para jornais e iniciou sua obra teatral *Leonor de Mendonça*, em 1846, que foi recusada e teve sua encenação impedida. Em 25 de outubro de 1863, embarcou para Lisboa, onde concluiu a tradução de *A noiva de Messina*, de Schiller. Voltando a Paris, passou em estações de cura em Aix-les-Bains, Allevard e Ems. Em 10 de setembro de 1864, embarcou para o Brasil no navio *Ville de Boulogne*, que naufragou no Baixo de Atins, na costa do Maranhão, tendo o poeta, que já se encontrava agonizante, perecido no camarote, sido a única vítima do desastre, aos 41 anos de idade. **T**

Maria Zulema Cebrian

Cadeira 03 – Patrono Guilherme de Almeida

O NOTÁVEL POETA ANGRENSE

*Roberto de
Carvalho*

“Entre um trovador e um santo,
Que diferença hei de achar?
Um reza a Deus no seu canto,
Outro canta em seu rezar.”

Brasil dos Reis

Em 1906, o que faziam os meninos da paradisíaca cidade de Angra dos Reis, no Rio de Janeiro, em seus momentos de folguedo? Certamente se divertiam na imensa “piscina salgada”, onde as ondas se arrastam mansamente, como um animal domado, tendo os ameaçadores vagalhões de mar aberto embarreirados pelas encostas da Ilha Grande, situada naquela baía, a cerca de 20 quilômetros do continente. Essa imponente barreira natural faz as ondas chegarem com brandura às praias daquele município que, na bucólica época, possuía menos de 20 mil moradores.

Mas havia ali um menino de 11 anos de idade para quem certamente os banhos de mar não eram tão atrativos. Chamava-se Benedito dos Reis Vargas, era filho do casal Oscar Jordão da Silva Vargas e Iria Amélia dos Reis Vargas, tendo nascido no dia 4 de maio de 1895. Sua atividade predileta nos anos de meninice era percorrer as ruas da cidade distribuindo pequenos informativos que ele próprio escrevia e por meio dos quais divulgava os versos que precocemente compunha.

No início da juventude, Benedito acrescentou o gentílico de sua cidade e o nome do país natal ao nome de batizado, tornando-se assim Benedito Angrense Brasil dos Reis Vargas e popularizando-se como “Brasil dos Reis”.

O menino frequentou as salas de aula por pouquíssimo tempo, porém, bastante determinado e com uma boa dose de vocação para a escrita, tornou-se autodidata de considerável cultura, além de detentor de notável inspiração literária, a ponto de ser aclamado, até os dias atuais, como o

poeta maior de sua cidade natal e um dos maiores estetas fluminenses de sua época.

Aos 14 anos tornou-se colaborador da imprensa local, atuando nos jornais *O Sul Fluminense* e *Recreio da Tarde*, tendo trabalhado ainda como tipógrafo no periódico *Gazeta de Angra*.

Com 22 anos, Brasil dos Reis mudou-se para a cidade vizinha de Paraty, onde lançou o jornal *O Prélío*. Neste mesmo município fundou, anos mais tarde, *A Verdade*, e, em Angra dos Reis, o periódico *O Litoral*.

Alma inquieta e criativa, mesmo vivendo numa época em que os meios de transporte eram precaríssimos, empreendeu andanças, atuando em diversos órgãos da imprensa fluminense, dentre eles, *O Comércio*, em Santa Cruz; *A Aliança*, em Itaguaí; e *A Revista* e *O Estado*, ambos em Niterói, onde se reunia com artistas e intelectuais, em animadas rodas de bate-papo no famoso Café Paris, tendo sido, possivelmente, esse o período mais produtivo de sua vida. Essa importante convivência inspirou versos filosóficos, como o soneto *Finalidade*:

Filosofando sobre a vida humana,
Cheguei a esta horrenda conclusão:
Cabe toda a vaidade soberana
Nos sete palmos negros de um caixão.

Desde os delírios da maldade insana,
Aos gritos da moral e da razão,
Tudo, aos braços da Morte, essa tirana,
Se abismará no horror da podridão.

E do homem vil os últimos destroços
Serão os magros, descarnados ossos,
Que em cinza e pó se perderão pelo ar...
Mas, como uma ironia acerba e dura,

Há de restar da humana e vã criatura

Uma inscrição na pedra tumular!

Certamente foi dessa época também que o coração do poeta se inclinou em direção às inevitáveis paixões que inspiraram os versos românticos, como este soneto dedicado a alguém que aos olhos dele era muito especial:

Mística

Ressumbra do teu todo a nostalgia

E a palidez das noivas de Jesus;

Teu corpo lembra a catedral sombria

Já sem altar, sem sinos e sem cruz.

Teus olhos plenos de melancolia

São dois círios a arder e, estranha luz,

Que por meus olhos gastos irradia

Sai desses olhos límpidos, azuis.

Adorável silhueta de Tanagra,

Há, nas linhas ideais do teu perfil

A imponência do Belo que te sagra

E na modéstia não te desesperes,

Porque és resumo tímido e sutil

Da beleza de todas as mulheres.

Infelizmente, como ocorreu com muitos poetas e escritores da época, Brasil dos Reis perdeu várias de suas criações literárias, sendo que em muitos casos, por excesso de modéstia, não assinava suas obras. Ainda assim, vasto legado foi deixado à posteridade, tanto em prosa quanto em verso.

Em sua diversificada lavra, a maioria publicada com recursos próprios ou com a ajuda de amigos e admiradores,

destacamos: *Rezas e pragas, O sonho de Tiradentes, Para você, Migalhas, Postais angrenses, A lenda da Imaculada Conceição e A vida de São Benedito*. Em versos: *Lugares comuns, Legenda lírica, Brasões angrenses, Sabiás da terra fluminense, Coletânea de poesias, Benedito noite e Poetas angrenses*.

Brasil dos Reis pertenceu às seguintes instituições culturais: Academia Niteroiense de Letras, Academia Valenciana de Letras, Cenáculo Fluminense de História e Letras, Academia Campista de Letras, Academia Pedralva de Letras, Academia de Letras de Uruguaiana, União Brasileira de Trovadores, Academia Internacional de Letras Três Fronteiras e Instituto Campo-grandense de Cultura.

E em meio a tantas atividades, peregrinações e escritas, o poeta avançava em anos amadurecendo também em criatividade no burilamento das palavras, como constatamos neste ilustrativo soneto:

Envelhecendo

A velhice, que chega sorrateira,
Como quem nada exige, nada quer,
Traz-me à lembrança a ideia alvissareira
Daquela doce idade rosicler.

Penso que a adolescência era a roseira,
E eu, cultivando e amando a flor-mulher,
Via a ilusão da vida passageira
Sem ter do mundo uma visão sequer.

Mas se o peso dos anos me apavora,
O espírito é completamente moço
E se ilumina à luz de eterna aurora.
E o coração envelhecendo sente
Que o passado revive em alvoroço,
Na emocional angústia do presente!

Em 1973, com o conterrâneo historiador Alípio Mendes e demais pessoas que se dedicavam ao fomento e preservação da cultura regional, o aguerrido poeta fundou o Ateneu Angrense de Letras e Artes, entidade cultural que sempre prestou apoio ao desenvolvimento artístico da região denominada Costa Verde, realizando eventos culturais nos quais tem revelado, ao longo desses 49 anos, talentosos poetas, escritores e demais artistas nos campos da música, da fotografia, do artesanato e das artes plásticas e cênicas, entre outros.

Na mesma condição humilde e serena em que viveu, Brasil dos Reis se despediu do mundo na Santa Casa de Misericórdia de Angra dos Reis, no dia 21 de abril de 1975, mas não sem antes dedicar, em um preito de gratidão, estes decassílabos às *Enfermeiras*:

Ei-las que passam pelos corredores
Dos hospitais, as dóceis enfermeiras,
Chagas curando e amenizando dores,
Sofrendo rudes e brutais canseiras.

São elas que alimentam de esperanças
Os pacientes de todos os hospitais,
Esses que o punho da desdita alcança
E que a ventura alcançarão jamais.

São elas que, esquecidas da alegria
Que entre as felizes cresce e tumultua,
No ambiente triste de uma enfermaria,
Nem podem ver a agitação da rua.
E se conseguem dar um lenitivo
Aos tristes que se estiolam no hospital,
Traduzem no olhar doce e compassivo
Ter realizado todo o seu ideal.

Todas de branco, na nitente alvura
Da açucena, do lírio, das verbenas,
Fazem lembrar a mística brancura
Das virgens do Senhor, pelas novenas.

São elas que entre convulsões do pranto,
Entre pragas brutais e imprecações,
Procuram dar um refrigério santo
Aos vazios de crença e de ilusões.

Umás serenas, dóceis, compassivas,
Vão as dores alheias mitigando,
Outras mais rudes, lépidas e vivas,
Todas com o mesmo olhar piedoso e brando.

Qual do Senhor as noivas desposadas,
Têm nas faces o lívido palor
Daquelas pobres monjas maceradas,
Mártires tristes do celeste amor.

O falecimento do poeta se deu como ele desejava, segundo os versos deste sonetinho que integra o livro *Postais Angrenses*:

Angra da minha amizade,
Da minha recordação,
Por quem vive uma saudade
Boiando no coração.
Quando em teu seio, ó cidade,
Tinha da sorte um quinhão
E toda felicidade
Cabia na minha mão.

Agora passo chorando
As noites do meu outono,
Porque o inverno vem chegando.

E quando a morte chegar,
Que eu durma em paz o meu sono
Nessa terra ao pé do mar!

Brasil dos Reis sempre foi muito discreto no que se refere à sua vida amorosa. O que se sabe ao certo é que foi casado com a paratiense Herondina de Paula Souza, com quem teve os filhos: Luís Carlos, Júlio César, Conceição Maria, Maria da Graça, Hélio Benedito, Alberto Olavo, Ana Paula e Rubem Dário. Dos oito filhos, dois (Luiz e Alberto) são falecidos, e a maioria dos descendentes do poeta vive em Angra dos Reis.

Em agosto de 1985 foi fundada, em um antigo casarão do município litorâneo, a primeira Casa de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, que recebeu o nome de Casa de Cultura Poeta Brasil dos Reis, em homenagem ao ilustre vate nascido naquele rincão.

Além dessa homenagem, Brasil dos Reis empresta seu nome a uma praça localizada no bairro Praia do Anil e a um tradicional concurso de poesia que abrange todos os países de Língua Portuguesa e que há 36 anos é promovido pelo Ateneu Angrense de Letras e Artes. O evento de premiação deste concurso é realizado por ocasião do aniversário de nascimento do poeta.

A Câmara Municipal de Angra dos Reis criou a Medalha do Mérito Brasil dos Reis, distinção conferida às pessoas que se destacam nas atividades culturais do município

Certamente, a morte do querido poeta, ocorrida há 47 anos, deixou muita saudade entre seus leitores, parentes e amigos. Entretanto, como ele mesmo descreveu nesta bela trova, saudade não é necessariamente um sentimento negativo:

A saudade, é bem verdade,

Como punge e faz sofrer!

Mas sem ter uma saudade, **T**

Quem é que pode viver?!

Roberto de Carvalho

Cadeira 29 – Patrono Humberto de Campos

FERNANDO PESSOAS

Sérgio
Ballaminut

“Passo agora a responder à sua pergunta sobre a gênese dos meus heterônimos. Vou ver se consigo responder-lhe completamente. Começo pela parte psiquiátrica. A origem dos meus heterônimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histero-neurastênico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenômenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registro dos seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterônimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. (...)”

Fernando Pessoa

Como relata Vânia Maria do Nascimento Duarte em seu artigo *Analisando os vários heterônimos de Fernando Pessoa*, “o perfil heteronímico de Fernando Pessoa não se trata apenas de meros pseudônimos, mas sim do fenômeno relacionado com os vários desdobramentos do ‘eu’ poético, transformando-se em outros ‘eus’, todos dotados de biografia, produção e visão ideológica própria”. Menciona, ainda, que, “por se tratar de uma tendência marcante e inovadora, o poeta fez questão de tornar públicos os motivos pelos quais adotou tal personalidade”, como revela em trechos, a exemplo do ressaltado acima, da carta endereçada a seu amigo e crítico literário Adolfo Casais Monteiro, com data de 13 de janeiro de 1935.

Mas qual a diferença entre heterônimo, pseudônimo e ortônimo? Segundo definição do dicionário *Michaelis On-line da Língua Portuguesa*:

Heterônimo: Adj. 1. Diz-se de autor que publica obra sob o nome verdadeiro de outra pessoa. 2. Diz-se de obra literária publicada sob o nome de outra pessoa que não o

autor. 3. Qualificativo de termos diferentes que exprimem a mesma coisa. Sm. Nome fictício que um criador aponta como o autor de suas obras que, diferentemente de pseudônimo, tem identidade, estilo e características próprias, inconfundivelmente diferentes das desse criador.

Pseudônimo: Sm. Nome falso adotado por escritor ou artista plástico para assinar suas obras. Adj. 1. Que assina a sua obra com outro nome que não o seu. 2. Diz-se de obra assinada por um nome que não é o do seu autor.

Ortônimo: Sm. Nome civil completo e verdadeiro; nome correto; autônimo.

Assim, o ortônimo Fernando Pessoa não possuía pseudônimo, mas adotou heterônimos, dentre os quais destacam-se Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis.

Conforme Vânia Maria do Nascimento Duarte, “estudos apontam que tal fato encontra-se arraigado ao contexto histórico que demarcava o solo lusitano, caracterizado pelo clima de instabilidade interna”, razão pela qual “o povo português manifestou seu profundo sentimentalismo” e que contribuiu “para a manifestação da pluralidade existente na personalidade de Fernando Pessoa ao revelar os múltiplos aspectos dos quais se perfaz o mundo moderno”. Partindo desse pressuposto, a autora entende “que os heterônimos figuravam-se como verdadeiras ‘máscaras’ – subsídios utilizados pelo poeta com o objetivo de se esconder para só assim se revelar, em uma tentativa de investigar a realidade misteriosa e a conseqüente relação com o indivíduo que a insere”.

Mas, como não somente de heterônimo se vive, Fernando Pessoa – Ele mesmo, como é chamado, também nos deixou importante legado poético, a exemplo de *Mensagem*, obra cuja principal característica é o nacionalismo, que leva o eu lírico a ressaltar o heroísmo e a grandeza de Portugal, por meio de seus feitos marítimos. Além disso, escreveu inúmeros outros poemas, como os famosos *Autopsicografia*, *Isto*, *Não sei quantas almas tenho* e *Presságio*.

Passo, por oportuno, a breve descrição dos principais heterônimos de Fernando Pessoa de acordo com a biografia instituída pelo poeta.

Alberto Caeiro - Nascido em 1889, era órfão e vivia com uma tia no campo, por isso, só recebeu a instrução primária. Foi um poeta ligado à natureza, que despreza e repreende qualquer tipo de pensamento filosófico, afirmando que pensar obstrui a visão. Afirma que, ao pensar, entramos num mundo complexo e problemático onde tudo é incerto e obscuro. À superfície é fácil reconhecê-lo pela sua objetividade visual, que faz lembrar Cesário Verde, citado muitas vezes nos poemas de Caeiro, pelo verso livre e pela linguagem simples e familiar. É um poeta de completa simplicidade, autor de poesia aparentemente por ela caracterizada, mas que, no fundo, mostra-se norteadada por uma intensa complexidade filosófica, visto que o poeta nega tudo que esteja aquém da percepção sensível. Em função de tal posicionamento, demonstra todo seu empenho em impedir que o pensamento racional dificulte o contato direto com a natureza.

Apresentando-se como rústico e ingênuo, considera que o verdadeiro conhecimento é aquele oriundo das forças sensitivas, pois acredita que a racionalidade preconizada pela ciência acaba por destituir a naturalidade humana, ao criar mistérios que na verdade não existem. Tais pressupostos podem ser conferidos em *O guardador de rebanhos*:

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.

Suas principais obras são *O guardador de rebanhos*, *O pastor amoroso* e *Poemas inconjuntos*.

Álvaro de Campos - Nascido em 1890, Álvaro de Campos, engenheiro naval formado na Escócia, mostra-se como um futurista, demonstrando sua sensibilidade poética arraigada no presente e no futuro, sendo que aquele aparece em menor instância, quase sempre camuflado no saudosismo dos tempos de criança, como em *Aniversário*: “No tempo em que festejavam o dia dos meus anos, / Eu era feliz e ninguém estava morto”.

Digamos que semelhantemente a Alberto Caeiro e Ricardo Reis, o poeta em questão também cultua as sensações, no entanto, estas resultam do contato com a modernidade, promovido pelo barulho dos automóveis, das máquinas a vapor, enfim, pelo crescimento industrial. Fatores responsáveis pelo instaurar de um sentimento de angústia e perplexidade mediante tais avanços, os quais resultam numa criação de cunho existencialista, como nos revela o poema *Tabacaria*:

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

É possível verificar que existiram três fases na escrita de Campos: a primeira, a decadentista, na qual o poeta exprime o tédio, o cansaço e a necessidade de novas sensações, como em *Opiário*, que é a que mais se aproxima da nossa poesia de final do século; a segunda, a modernista, bastante marcada pela influência de Walt Whitman e de Marinetti (Manifesto Futurista), corresponde à experiência de vanguarda iniciada com Orpheu; e a terceira, aquela em que, perante a incapacidade das realizações, traz de volta o desalento que provoca “Um supremíssimo cansaço, / Íssimo, íssimo, íssimo / Cansaço...”, é a negativista, na qual a angústia de existir e ser mais se evidencia e se radicaliza. Nesta fase, Campos sente-se vazio, um marginal, um incompreendido. Sofre fechado em si mesmo, angustiado e cansado.

Dentre seus poemas mais conhecidos, destacam-se: *Pas-sagem das horas*, *Apontamento*, *Tabacaria*, *Magnificat*, *Ani-versário*, *Lisbon revisited*, *Poema em linha reta*, *Ode triunfal* e *Se te queres*.

Ricardo Reis - Nasceu em 1887, tendo sido imagi-nado de relance por Pessoa em 1913, quando lhe veio à ideia escrever uns poemas de índole pagã. Foi educado em colégio de jesuítas, tornou-se médico, monarquista e revela-se como verdadeiro apreciador da cultura clássica.

Sua produção é permeada pela racionalidade, pau-tando-se por temas relacionados à fugacidade do tem-po, haja vista ter sido bastante influenciado pelos repre-sentantes árcades. Diante de tal perspectiva, valoriza a simplicidade conferida pela vida campesina, tendo como fonte de inspiração a ideologia de Horácio, baseada no *Carpe Diem*.

De forma diversa de Alberto Caeiro, mas admirando a serenidade e a calma com que este encara a vida e ins-pirando-se pela clareza, equilíbrio e ordem do seu espíri-to clássico greco-latino, procura atingir a paz e o equilí-brio sem sofrer, através da autodisciplina e das doutrinas gregas Epicurismo, que busca a tranquilidade da alma, e Estoicismo, que tem como ideal ético a ausência de envolvimento emocional excessivo e propõe regras para alcançar a felicidade.

Demonstra, inclusive, ser um autêntico epicurista, uma vez adepto das ideias de Epicuro, o qual ressaltava que a verdadeira sabedoria reside no equilíbrio dos sen-tidos e nos prazeres naturais, abnegados de “eventuais” excessos, como se pode observar em *Anjos ou deuses*:

Anjos ou deuses, sempre nós tivemos,

A visão perturbada de que acima

De nós e compelindo-nos

Agem outras presenças.

Dentre seus poemas mais conhecidos, destacam-se: *Segue o teu destino*, *Amo o que vejo*, *Estás só*, *Colhe o dia*, *porque és ele* e *Tenho mais almas que uma*, além das odes, como *Para ser grande*, uma verdadeira filosofia de vida:

Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.

Depois de Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis, Bernardo Soares seria o heterônimo mais conhecido, mas, conforme Márcia Fernandes, “é considerado um semi-heterônimo (...) porque essa personalidade apresenta características muito semelhantes às de Fernando Pessoa, sendo muitas vezes confundida com o escritor”. Segundo a autora, estudos indicam que o poeta assinou textos com cerca de 70 nomes diferentes, por alguns considerados, também, heterônimos seus. As aparentes incertezas biográficas acerca dos heterônimos são evidenciadas pelo próprio autor em *Não sei quantas almas tenho*:

Não sei quantas almas tenho.
Cada momento mudei.
Continuamente me estranho.
Nunca me vi nem achei.
De tanto ser, só tenho alma.
Quem tem alma não tem calma.

“Chove? Nenhuma chuva cai...”: assim, Fernando Pessoa – ele mesmo, que “narrou-se à sombra e não se achou sentido”, em meio à “sua inútil agonia”, vai... eternizado em

uma “autopsicografia” onde, poeta, é fingidor em busca de “qualquer música, ah, qualquer, logo que lhe tire da alma aquela incerteza que quer qualquer impossível calma!”.

Fernando e suas Pessoas... Alberto Caeiro, que “sabe lá o que pensa do mundo”. Metafísico guardador de rebanhos, pra quem “o único mistério é haver quem pense no mistério”, “o único sentido íntimo das coisas é elas não terem sentido íntimo nenhum” e “o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela sua aldeia porque o Tejo não é o rio que corre pela sua aldeia”. Ricardo Reis, que “seguro assenta na coluna firme dos versos em que fica” e finca a clássica roupagem literária, em cada ode com que sacode a alma em apreciação; que propõe “para ser grande, ser inteiro”, “todo em cada coisa” e “pôr quanto se é no mínimo que se fizer”. Álvaro de Campos, ora pessimista – e quanto! Se não, duro e frequente melancólico, que, em “Noite antiquíssima e idêntica, Noite Rainha nascida destronada”, saúda Walt Whitman e digna-se a ele ao bastante saudá-lo; que “tantas vezes porco, tantas vezes reles, tantas vezes vil, nunca conheceu quem tivesse levado porrada”, que, ao visitar Lisboa, diz “Não: não quero nada. Já disse que não quero nada.”. Que, ao mirar nos olhos de uma tabacaria, diz-lhe “não ser nada, não poder querer ser nada”, mas “tem em si todos os sonhos do mundo”. E, assim, Fernando, Pessoa a Pessoa, penetra fundo.

De acordo com Warley Souza, por meio dos “autores fictícios com personalidades e características literárias específicas” que criou, Fernando Pessoa pôde, mesmo sendo um poeta modernista, “transitar por múltiplos caminhos estéticos”. E ora fazendo uso de estética eminentemente modernista tão inspirada pelo autor, finalizo reverenciando seus heterônimos com dois poemas autorais:

E agora, Fernando?

Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena
Mas, com a pequenez de hoje em dia
Inevitavelmente nunca valeria.

E agora, Fernando?
O que você faria?
No meio do caminho
Ainda há uma pedra.
Você a tiraria?

E agora, Fernando?
O que você diria?

Pasárgada já não há
E nunca existiu
Senão na mente que queria.

E agora, Fernando?
O que sentiria
Ricardo, Álvaro, Alberto
Cada eu de você
Que tão longe e tão perto
Ainda ressoa?
O que pensaria
Cada eu de você
Na sua Pessoa?

Fictícia

Pessoas...

Prefiro as de Fernando

Ainda que Álvaro em mau humor.

Pessoas...

Prefiro as de Fernando

De Ricardo em ode que sacode

Ou bucólico Alberto guardador...

Pessoas

De meu tempo

Num sem tempo

Para o amor.

Pessoas

De meu tempo

De um tempo

Já sem cor.

Pessoas...

Seja lá como for

Prefiro as de Fernando:

Fictícia a minha dor. **T**

Sérgio Ballaminut

Cadeira 20 - Patrono Mário de Andrade

ALEIJADINHO, O GÊNIO DA ARTE BARROCA NO BRASIL COLONIAL

*Eva Bueno
Marques*

A

História deve ser revisitada para evocar os fatos que marcaram cada período, ressaltar a importância dos feitos em benefício da humanidade e trazer à tona a lembrança daqueles que, em tempos passados, protagonizaram acontecimentos marcantes e deixaram seus nomes registrados nos anais do tempo.

Vamos, então, rememorar um pouco sobre as artes em Minas Gerais, por volta do século XVIII, mais precisamente, no contexto do barroco mineiro, durante o período da mineração, no auge do ciclo do ouro.

A figura proeminente nas artes daquela época foi Francisco Antônio Lisboa, mais conhecido como Aleijadinho. Ele nasceu em Vila Rica (hoje Ouro Preto), Minas Gerais, em 1730 ou 1738 (a data exata ainda é objeto de debate entre os historiadores) e faleceu em 1814. Filho de um conceituado mestre de obras português, Manuel Francisco Lisboa, e de uma escrava, Isabel. Como sua mãe era escravizada, Aleijadinho foi alforriado pelo pai, no momento do seu batismo.

Manuel Francisco teve outros quatro filhos de seu casamento com Maria Antônia de São Pedro. Aleijadinho cresceu nessa família junto de seus quatro meios-irmãos, num ambiente de intensa atividade artística e cultural. Manuel Lisboa ensinou ao filho ilegítimo as profissões de arquiteto e escultor, e ele também teve uma boa educação, estudando em um internato local. A influência do pai e do tio, Antônio Francisco Pombal, foi fundamental no desenvolvimento artístico do jovem.

Aleijadinho se tornou um escultor, talhador, arquiteto, perito e carapina (marceneiro). O seu período de formação profissional ocorreu durante a década de 1750, e, em 1760, já era mestre em seu ofício. Em 1767, perdeu seu pai, e sendo filho ilegítimo, não foi contemplado no testamento. No ano seguinte, alistou-se no Regimento da Infantaria dos Homens Pardos de Ouro Preto, onde permaneceu por três anos, sem interromper sua atividade artística.

Quase nada se sabe sobre sua vida pessoal, apenas que gostava de dançar e comer bem e do seu relacionamento com a mulata Narcisa Rodrigues da Conceição, com quem teve um filho, batizado em homenagem ao avô, Manuel Francisco Lisboa. Narcisa posteriormente o abandonou, levando o filho para o Rio de Janeiro, onde este se tornou artesão.

Não se sabe muito sobre suas ideias sociais ou políticas. Trabalhava sob encomenda, ganhando meia oitava de ouro por dia, algo em torno de 600 réis, mas não acumulou riqueza. Dizem que era descuidado com o dinheiro, tendo sido roubado várias vezes, e que teria ajudado os pobres. Tinha três escravos: Maurício, seu principal ajudante, com quem dividia os ganhos, Agostinho, auxiliar de entalhe, e Januário, que guiava o burro que ele usava para se locomover. Sua oficina contava também com outros aprendizes de escultor.

Em 1858, 44 anos após sua morte, foi biografado pelo professor e promotor Rodrigo José Ferreira Bretas, com base em documentos escritos e depoimentos orais colhidos em Ouro Preto e cidades vizinhas. Essa biografia, lançada em 1858, foi relançada em 2013, pela Editora da Universidade Federal de Minas Gerais.

Aleijadinho foi descrito por Bretas nos seguintes termos:

Era pardo-escuro, tinha voz forte, a fala arrebatada, e o gênio agastado: a estatura era baixa, o corpo cheio e mal configurado, o rosto e a cabeça redondos, e testa volumosa, o cabelo preto e anelado, o da barba cerrado e basto, a testa larga, o nariz regular e algum tanto pontiagudo, os beijos grossos, as orelhas grandes, e o pescoço curto.

O apelido Aleijadinho deveu-se à doença que o acometeu por volta de 1777, quando ele tinha cerca de 40 anos. Acredita-se que ele sofria de uma forma de lepra (hoje chamada de hanseníase), que resultou na deformação progressiva de suas mãos e pés.

A doença causou graves feridas e deformações em seu corpo, prejudicando sua mobilidade, afetando seu trabalho e causando-lhe dores profundas que o fizeram evitar as pessoas. Optou por trabalhar à noite, usando chapéus grandes e roupas largas. Apesar das limitações físicas, o artista continuou a produzir suas obras-primas, muitas vezes com a ajuda de assistentes, que ele instruía pessoalmente.

Com o passar do tempo, tornou-se manco, até que perdeu a mobilidade porque a doença afetou os dedos dos seus pés. Usava, então, uma joelheira de couro para arrastar-se pelo chão. Os dedos das suas mãos também foram deformados pela doença, e conta-se que ele trabalhava com suas ferramentas amarradas a elas.

Nos últimos anos de vida, a partir de 1812, já quase cego e com as capacidades motoras muito reduzidas, a doença progrediu e o impediu de trabalhar, obrigando-o a fechar sua oficina. Incapaz de morar sozinho, Aleijadinho passou a viver com a sua nora, até que faleceu em 18 de novembro de 1814. O corpo foi sepultado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, na cidade de Ouro Preto, em uma tumba ao lado do altar de Nossa Senhora da Boa Morte.

No censo de 1804 seu filho constava como um dos seus dependentes, junto com a nora Joana e um neto.

Obras - A importância de Aleijadinho para a arte barroca brasileira é incontestável. Ele tinha um estilo único e sabia inovar, incorporando elementos locais em suas obras, que eram carregadas de forte emoção. Com um requinte nos detalhes, imprimiu dramaticidade às cenas, refletindo, assim, a realidade e cultura do Brasil colonial.

Sua vida e obra são marcos no cenário artístico brasileiro. Ele se tornou referência e inspiração para artistas até os dias de hoje, contribuindo de forma significativa para a

arquitetura sacra de Minas Gerais. Desempenhou um papel crucial na concepção de diversas igrejas em cidades históricas mineiras, onde deixou sua marca inconfundível. Além de Ouro Preto e Congonhas, é possível mencionar São João del-Rei, Sabará e Mariana como locais onde seu trabalho é visível e notável. A pedra-sabão e o cedro-rosa foram as duas principais matérias-primas utilizadas pelo artista em suas obras.

Seguem, na sequência, algumas de suas mais importantes criações:

Congonhas do Campo

Os Doze Profetas - Este talvez seja o trabalho mais famoso de Aleijadinho. Consiste em um conjunto de esculturas de pedra-sabão, realizadas entre 1800 e 1805, localizadas no adro do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas.

Cada uma das esculturas apresenta características distintas, variando em postura, vestimentas e expressões faciais, com intensidade marcante, demonstrando seu incrível talento e criatividade. A grandiosidade dessas estátuas, no entanto, não reside apenas em seu tamanho físico, mas na capacidade emocional que possuem.

Aqui está um recibo assinado por Aleijadinho quando recebeu o pagamento pela obra dos profetas:

O novo Praxíteles... que honra igualmente a arquitetura e escultura... Superior a tudo e singular nas esculturas de pedra em todo o vulto ou meio relevo e no desenho e ornamentos irregulares do melhor gosto francês é o supracitado Antônio Francisco. Em qualquer peça sua que serve de realce aos edifícios mais elegantes, admira-se a invenção, o equilíbrio natural, ou composto, a justeza das dimensões, a energia dos usos e costumes e a escolha e disposição dos acessórios com os grupos verossímeis que inspira a bela natureza. Tanta precisidade se acha depositada em um corpo enfermo que precisa ser conduzido a qualquer parte e atar os ferros para poder trabalhar.

A historiadora e advogada Isolde Helena Venturelli, em seu livro *Profetas ou Conjurados*, após inúmeras pesquisas e estudos, apresentou a teoria de que Aleijadinho teria esculpido na pedra sabão, os seus amigos inconfidentes nas figuras dos profetas do Antigo Testamento bíblico.

Sob a repressão da Coroa, ele teria utilizado o pretexto da alegoria para imortalizar aqueles homens que tentaram mudar os rumos da história do Brasil. São vários indícios que têm sido reunidos, ao longo de muitos anos, pela pesquisadora.

Isolde Venturelli começou a pesquisar a vida do artista e de cada conjurado e profeta retratado, estabelecendo relações alegóricas e mostrando as semelhanças de cada profeta com um inconfidente, como descrito a seguir:

Isaías: Domingos de Abreu Vieira Andrade

Jeremias: Francisco de Paula Freire

Baruch : Salvador Carvalho do Amaral Gurgel

Ezequiel: Luiz Vaz de Toledo Piza

Daniel: Tomás Antônio Gonzaga

Oséias: Inácio José de Alvarenga Peixoto

Joel: Cláudio Manuel da Costa

Amós: o próprio Aleijadinho

Abdias: José Alvares Maciel

Jonas: José Joaquim da Silva Xavier (Tiradentes)

Naum: Francisco Antônio de Oliveira Lopes

Habacuque: Domingos Vidal Barbosa.

Outra obra-prima de Aleijadinho, localizada em Congonhas do Campo, são as 66 figuras de cedro que compõem as cenas da Paixão de Cristo, presentes também no Santuário de Bom Jesus de Matosinhos. Esculpidas entre 1796 e 1799, essas peças são consideradas uma das mais elevadas expressões do barroco brasileiro.

O uso do cedro, uma madeira nativa do Brasil, em vez das tradicionais madeiras europeias, representa mais um dos

compromissos de Aleijadinho com a criação de uma arte genuinamente brasileira. As esculturas parecem transbordar emoção, comunicando ao espectador a dor e o sofrimento de cada personagem. Hoje todo o conjunto do Santuário é um Patrimônio da Humanidade, de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), e também é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Ouro Preto

Igreja de São Francisco de Assis - Contribuiu com o desenho da fachada, o lavabo, a pia de água benta, o forro da capela-mor e os púlpitos.

Igreja de Nossa Senhora do Pilar - Esculpiu o grupo da Sagrada Família para o presbitério.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias - Nesta igreja, trabalhou no altar-mor e nos púlpitos.

Igreja de Nossa Senhora do Rosário - É o autor da imagem de São Benedito, localizada no altar-mor.

Capela de Nossa Senhora das Dores - Atribui-se a ele o frontão do altar-mor, a tribuna e as imagens da Senhora das Dores e do Senhor dos Passos.

Em Ouro Preto encontra-se o Museu do Aleijadinho.

São João del-Rei

Igreja de São Francisco de Assis - É responsável pelo projeto da fachada, um exemplo magnífico de arte rococó. Nesta mesma igreja, o artista deixou outro importante legado, com a elaboração do projeto arquitetônico e a criação de várias peças de arte sacra, incluindo altares, púlpitos e um magnífico lavabo na sacristia.

Tiradentes

Igreja Matriz de Santo Antônio - É o autor do medalhão de pedra-sabão na fachada com a imagem de Santo Antônio.

Sabará

Igreja de Nossa Senhora do Carmo - A portada principal desta igreja foi desenhada pelo artista, que também esculpiu várias imagens para o interior.

Aleijadinho foi contemporâneo de diversos outros artistas notáveis que trabalharam em Minas Gerais durante o século XVIII, um período de grande efervescência cultural na região devido ao ciclo do ouro. Esses artistas também contribuíram para a formação do estilo artístico que hoje chamamos de “barroco mineiro”.

Mestre Ataíde (Antônio Francisco Lisboa), muito embora compartilhe o mesmo sobrenome com Aleijadinho, não possui parentesco direto com ele. Nascido em Mariana, Ataíde é um dos mais importantes pintores do Brasil colonial. Sua obra mais célebre é o forro da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, no qual pintou um céu estrelado com anjos multicoloridos.

Manuel da Costa Ataíde (não confundir com Mestre Ataíde) foi outro importante pintor do período, autor de diversas obras de pintura e douramento no interior das igrejas mineiras. Nomes como Francisco Xavier Carneiro e José Pereira dos Santos também se destacam.

Todos esses artistas, incluindo Aleijadinho, que era o artista mais conhecido desse período, trabalharam juntos em muitos projetos, contribuindo com suas habilidades específicas para a construção e decoração das igrejas. Isso resultou em um rico intercâmbio de ideias e estilos, que ajudou a formar o barroco mineiro.

Além disso, ele foi mestre de alguns artistas, transmitindo diretamente seus conhecimentos e técnicas. Dentre os artistas que foram diretamente influenciados por ele, podemos citar: Francisco Vieira Servas e José Soares de Araújo.

No século XX, vários artistas brasileiros revisitaram o trabalho dele como fonte de inspiração. A “missão de redescoberta do Brasil”, realizada pelo modernismo brasileiro, fez com que os artistas valorizassem a cultura e a arte nacional, incluindo sua obra. Nesse contexto, destacam-se Portinari,

um dos maiores pintores brasileiros do século XX, e Di Cavalcanti, ambos influenciados pelo barroco.

Homenagens na Literatura - Na literatura, Carlos Drummond de Andrade, um dos maiores poetas brasileiros, escreveu o poema em que reflete sobre a obra e a vida do artista, chamado *Voo sobre as Igrejas*:

Este mulato de gênio
lavou na pedra-sabão
todos os nossos pecados,
as nossas luxúrias todas,
e esse tropel de desejos,
essa ânsia de ir para o céu
e de pecar mais na terra;
este mulato de gênio
subiu nas asas da fama,
teve dinheiro, mulher,
escravo, comida farta,
teve também escorbuto
e morreu sem consolação.

Era uma vez um Aleijadinho,
não tinha dedo, não tinha mão,
raiva e cinzel, lá isso tinha,
era uma vez um Aleijadinho,
era uma vez muitas igrejas
com muitos paraísos e muitos infernos,
era uma vez São João, Ouro Preto,
Mariana, Sabará, Congonhas, era uma vez muitas cidades
e o Aleijadinho era uma vez.

Cecília Meireles, em seu célebre livro *Romanceiro da Inconfidência*, também homenageou o artista mineiro, no *Romance XXI ou das Ideias*:

...Sinos. Procissões. Promessas.

Anjos e santos nascendo

em mãos de gangrena e lepra.

Finas músicas brotando

as alfaías das capelas.

Todos os sonhos barrocos

deslizando pelas pedras.

E as ideias...

Murilo Mendes, outro poeta do Modernismo, também lhe rendeu homenagem:

Ao Aleijadinho

...Pálida a lua sob o pátio avança

Das estrelas de uma perdida infância.

Fatigados caminhos refazemos

Da outrora máquina da mineração.

O exemplo recebendo que ofereces

Pelo martírio teu enfim transposto,

Severo, machucado e rude Aleijadinho...

Manuel Bandeira também fez referência ao grande escultor:

...E avulta apenas, quando a noite de mansinho,

Vem, na pedra sabão, lavrada

como renda,

Sombra descomunal, a mão do Aleijadinho...!

Oswald de Andrade prestou seu reconhecimento ao artista barroco:

No anfiteatro das montanhas
Os profetas do Aleijadinho
E os cocares revirados das palmeiras
São degraus de arte do meu país
Onde ninguém mais subiu
Bíblia de pedra sabão
Banhada de ouro das minas...

Na música, compositores como Chico Buarque, Milton Nascimento, João Bosco, Celso Viáfora, Taco Caviúna entre outros, fazem referências ao trabalho de Aleijadinho em suas letras. Há ainda filmes e documentários sobre a sua vida.

Considerações Finais - Aleijadinho deixou um legado artístico inestimável. Hoje, suas obras, além de serem patrimônio cultural, são importante atrativo turístico nas cidades históricas de Minas Gerais.

É fundamental enfatizar que, apesar das limitações físicas que enfrentou ao longo da vida, o artista nunca deixou de expressar sua arte. Essa persistência e dedicação são exemplos do comprometimento que o artista tinha com seu ofício, mesmo diante dos obstáculos mais difíceis. A qualidade de sua obra não foi prejudicada pela doença. Pelo contrário, muitos consideram que sua arte ganhou ainda mais força e expressividade conforme os anos passavam.

Sua contribuição para a arte brasileira vai além das obras que deixou. Aleijadinho formou uma escola, transmitindo seus conhecimentos a outros artistas e ajudando a formar uma geração de escultores e entalhadores. Muitos de seus alunos se tornaram artistas renomados, contribuindo para a continuidade e a evolução da arte barroca brasileira.

Sua obra continua a ressoar em diferentes esferas da cultura no Brasil. Sua arte é um legado vivo, que inspira e influencia novas gerações de artistas, e sua vida é um exemplo de superação que continua a emocionar e inspirar. Ele

multiplicou o seu grande talento com a obstinação de quem colocou o amor à arte acima do profundo sofrimento que a vida lhe proporcionou. Está imortalizado e será sempre digno de aplausos e de honrarias como o gênio da arte barroca brasileira. **U**

Eva Bueno Marques

Cadeira 26 - Patrono Cecília Meireles

O PAI DO HOMEM NU COMPLETA 100 ANOS

Não importa a quantidade de livros que escreveu, ou quantos contos e crônicas colocou no papel. Durante sua vida, a cada entrevista, sempre aparecia uma pergunta, um comentário sobre o seu texto *O Homem nu*. Vira e mexe indagavam: “Mas o que aconteceu depois que o cobrador chegou?”.

Fernando Sabino nunca chegou a compreender bem essa obsessão pelo seu texto que, aliás, foi até filmado. Em seu livro *No fim dá certo*, entre as muitas crônicas presentes, está *Sob o manto da fantasia*, que aborda esse fetiche inexplicado por *O homem nu*. Ele dizia que poderia até ter escrito a *Divina Comédia*, mas que ela não faria tanto sucesso como essa pequena peça de ficção, que, pela primeira vez, apareceu na revista *Manchete*.

Dizia espantado que perdeu a conta do número de vezes que seu texto reapareceu desde então, em jornais, revistas, antologias, no Brasil e em traduções no exterior. Perplexo, contava também que ela foi lida e relida em rádios, representada na televisão, inúmeras vezes, entre outros por Jardel Filho e Silveira Sampaio.

A tela grande também se curvou ao texto de Sabino, que adaptou o roteiro para o cinema em filme dirigido por Roberto Santos, tendo no papel o ator Paulo José. Sem se esquecer que Hugo Carvana repetiu o sucesso, dirigindo o ator Claudio Marzo em um outro filme com o mesmo argumento. Aliás, a história do homem nu foi ampliada pelo autor no texto *A nudez da verdade*, uma das três novelas do livro *Aqui estamos todo nus*.

Agora deixando a nudez de lado vamos contar que o pai do homem nu completaria neste 2023, 100 anos, caso estivesse vivo. Fernando (Tavares) Sabino nasceu em Belo Horizonte no dia 12 de outubro de 1923. Menino, em 1930, aprendeu a ler com sua mãe. Fez o curso primário no Grupo Escolar Afonso Pena e o secundário no Ginásio Mineiro,

onde conquistou a medalha de ouro como o primeiro aluno da turma.

Seu primeiro trabalho literário, uma história policial, foi publicado na revista *Argus*, editada pela polícia mineira. Durante a vida foi escritor, jornalista e editor brasileiro. Recebeu diversos prêmios, entre eles o Jabuti, por ter escrito o livro *O Grande Mentecapto* e o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras. O governo brasileiro o condecorou com a Ordem do Rio Branco, no grau de Grã Cruz.

No ano de 1941 iniciou o curso superior na Faculdade de Direito de Minas Gerais, mas, antes disso, Fernando Sabino começou a colaborar regularmente com artigos, crônicas e contos nas revistas *Alterosas* e *Belo Horizonte*. Reunindo seus primeiros contos publicou o livro *Os Grilos não Cantam Mais*. Também colaborou escrevendo para o jornal literário do Rio de Janeiro *Dom Casmurro*, com a revista *Vamos Ler* e com o *Anuário Brasileiro de Literatura*.

Na vida pessoal formou um grupo inseparável com os também escritores de Minas Gerais, Hélio Pellegrino, Paulo Mendes Campos e Otto Lara Rezende. E, na vida literária, escreveu grandes sucessos entre os quais: *Encontro Mercado* (1956), *O Menino no Espelho*, que em 1982 foi adotado em várias escolas do país, *A Faca de Dois Gumes* (1985), *A Mulher do Vizinho* (1988), *O Bom Ladrão* (1991), *Zélia, uma Paixão* (1991), *A Nudez da Verdade* (1994) e *Com a Graça de Deus* (1994).

Em paralelo com sua vida literária, também exerceu ações como funcionário público e professor. No ano de 1942, foi admitido como funcionário da Secretaria de Finanças de Minas Gerais, e também lecionou Português, no Instituto Padre Machado, além de ter sido nomeado oficial de gabinete do secretário de Agricultura.

Foi no ano de 1944 que se mudou para o Rio de Janeiro, onde se firmou como colaborador de diversos jornais. Em 1946, formou-se em Direito e embarcou com Vinícius de Moraes para os Estados Unidos, passando a morar em Nova York, onde trabalhou no Escritório Comercial do Brasil e, mais tarde, no Consulado Brasileiro.

Ele voltou ao Brasil em 1948 quando assumiu o cargo de escrivão da Vara de Órfãos e Sucessões, mas, sem se esquecer da vida de escritor, em 1949, passou a colaborar com diversos jornais e com a revista *Manchete*. Em 1960, vai para Cuba, atuando como correspondente do *Jornal do Brasil*, onde faz reportagens sobre a revolução cubana.

O pai do homem nu foi efetivado no cargo de redator do Serviço Público, da Biblioteca Nacional e depois da Agência Nacional, onde se especializou na elaboração de textos para filmes de curta-metragem. Fundou a Bem-Te-Vi Filmes em 1972. Após permanecer por 15 anos, Sabino deixa, em 1975, o *Jornal do Brasil*. Em 1977, inicia a publicação do *Dito e Feito*, com crônicas semanais no jornal *O Globo*. Sua colaboração se prolongou ali por 12 anos, sendo reproduzida no *Diário de Lisboa* e em 80 outros jornais brasileiros.

Fernando Sabino faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 11 de outubro de 2004. **T**

Humberto Domingos Pastore
Cadeira 19 - Patrono Dom Aquino Correa

JOSÉ CONDÉ: HUMILDE ENTRE OS GRANDES ESCRITORES, INESQUECÍVEL PELOS LEITORES

André Chaves

Para Pedro, meu pai, que também amava Caruaru, a capital do Agreste e do Forró.

Estreou em 8 de outubro de 1984 na Rede Globo de Televisão, após o tradicional horário novelesco das 20 horas, a minissérie *Rabo de Saia*. Exibida em 20 capítulos de aproximadamente 45 minutos, durante quatro semanas, estendeu-se até 2 de novembro daquele ano, com grande sucesso de crítica e público.

Tal êxito da teledramaturgia foi possível porque a emissora reuniu grandes profissionais para o projeto. No elenco de atores constaram Ney Latorraca, Dina Sfat, Lucinha Lins, Tássia Camargo, Marilena Ansaldi, Paulo Hesse, Jackson de Souza, Daniel Dantas, Carlos Gregório, Luiz Guilherme, Newton Prado, José Steinberg, Cidinha Milan, Yara Lins, Nhá Barbina, Silas Andrade, entre outros. Escrita por Walter George Durst, com a colaboração de José Antônio de Souza, Tairone Feitosa e Tom Zé, o roteiro final e a direção foram de Walter Avancini, e a produção executiva, de Luiz Carlos Laborda. Também reconheceu-se a excelência na qualidade audiovisual, figurino, maquiagem, e demais especialidades da equipe técnica.

Foi reapresentada de maneira compacta em janeiro de 1988 (12 capítulos) e em agosto de 1990 (dez capítulos) durante o *Festival 25 Anos* da emissora. A história foi lembrada quando ganhou pequena versão em um episódio do programa *Você Decide*, em 1999, no qual os telespectadores, através de telefonemas, escolhiam o desenlace da trama.

Essa minissérie não teria alcançado posição de destaque na História da televisão brasileira e lugar definitivo na memória dos telespectadores apenas com o espaço concedido pela empresa e a competência dos profissionais envolvidos, não fosse o roteiro adaptado, de maneira fecunda, da pequena e admirável novela *Venturas e desventuras do caixeiro-viajante Ezequias Vanderlei Lins, Seu Quequé para os íntimos*, que abre o brilhante livro *Pensão Riso da Noite: Rua das Mágoas (cerveja, sanfona e amor)*, escrito por José Ferreira Condé e publicado em 1966.

Nasceu esse amante das letras em 22 de outubro de 1918, na cidade de Caruaru, agreste pernambucano, distante quase 140 quilômetros da capital do Estado, Recife. O pai, João José da Silva Limeira (1881 – 1930), embora comerciante, era apreciador das variadas expressões das artes, desde a literatura e teatro ao emergente cinema; a mãe, Ana Ferreira Condé (1882 – 1971), acompanhava o marido na admiração dessas manifestações da alma humana.

Quando criança, teve contato com as tradicionais rodas de contação de histórias regionais, apresentadas de variadas maneiras: cantigas passadas entre gerações, leitura de literatura de cordel, duelo de repentistas, teatro de marionetes, entre as mais populares.

O universo escrito também lhe foi apresentado cedo, já existia em casa preciosa, conquanto modesta, circulação de publicações. Mas foi aos 6 anos, quando ingressou na escola de Dona Chiquinha Florêncio, que viu sua alma ser invadida pela linguagem dos caracteres alfabéticos, embora sob o regime da “época da palmatória”. Foi um tempo em que pessoas consideradas competentes pelo Estado poderiam aproximar as crianças das primeiras letras e cálculos em espaços particulares, normalmente em suas residências. Garoto fascinado por novidades, logo esgotou os escassos livros ali disponíveis para gente de sua idade.

Com pouco mais de 9 anos foi transferido para a escola do Professor José Leão, melhor equipada, cuja biblioteca apresentava maior variedade de obras; também se interessou em escrever, tamanho o incentivo em redigir seu primeiro jornalzinho. Apresentavam-se, pois, as duas manifestações marcantes de sua alma: ficcionista e jornalista.

Terminou o curso primário e fez seus preparativos para o exame de admissão no Ginásio do Recife. Durante esse nível de escolaridade pôde conhecer Mauro Ramos da Mota e Albuquerque, Álvaro de Barros Lins e Aurélio de Limeira Tejo, futuros escritores, convívio que lhe fortaleceu a convicção da paixão pela literatura.

Quando os irmãos se tornaram órfãos de pai em 1929, Elysio tentou manter os negócios da família, mas acabou por arrendá-los. Transferiu-se com João e José para o Estado do Rio de Janeiro, onde ficaram sob seus cuidados. Na cidade de Petrópolis, José continuou os estudos no Internato Plínio Leite, onde a distância do restante da família e de sua terra natal lhe imprimiram a melancolia presente em muitos de seus escritos. Ajudou a fundar o Grêmio Literário Alberto de Oliveira, no qual desenvolveu veia jornalística com os periódicos *Jaiú* e *Pra Você*; neste, publicou o primeiro conto, *Vingança*, que pelo realismo da narrativa e uso de linguagem considerada “não apropriada”, lhe custou suspensão por 15 dias.

Terminado o ginásial na mesma instituição, José prestou vestibular, foi aprovado e ingressou na Faculdade de Direito de Niterói. No ambiente acadêmico se envolveu com a leitura das obras do Modernismo da Segunda Geração, em decorrência da amizade enlaçada a José Lins do Rego, e do contato com as obras de nomes como Jorge Amado, Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos e José Américo de Almeida. Começou a trabalhar na imprensa e logo conseguiu publicar o poema *Feira de Caruaru* na revista *O Cruzeiro*, onde passou a escrever colunas sobre os trabalhos desses escritores. Meses depois, foi contratado pela Livraria José Olympio Editora, onde trabalhou até 1939, época na qual alcançou o título de bacharel em Direito.

Nomeado redator na Agência Nacional - uma agência de notícias que prestava serviços ao governo federal - permaneceu por um ano e meio no cargo, tendo como colegas de trabalho Antônio Carlos Callado e Clarice Pinkhasivna Lispector; ao mesmo tempo, prestou serviços advocatícios em alguns renomados escritórios fluminenses.

Aventurou-se por três meses como colunista social em *O Journal* do Rio de Janeiro, assinando suas crônicas como Mr. Chips, próximo que era de Belarmino Maria Austregésilo Augusto de Athayde, então alto funcionário dos Diários Associados. Também se aventurou nos negócios imobiliários; como não atingiu o sucesso esperado, através de contatos importantes, obteve a nomeação de procurador no Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários (IAPB), cargo que ocupou até o fim da vida, em 27 de setembro de 1971, quando faleceu em decorrência de insuficiência hepática.

Após curto namoro, desposou Maria Anália Rezende de Faria em 1944, com quem teve três filhos: Maria Regina, Vera Maria e Fernando Antônio. Após divorciar-se, seu segundo casamento ocorreu em 1958, com a historiadora Maria Luiza Gonçalves Cavalcante.

Foi em 1945 que fez sua estreia literária com *Caminhos na Sombra - Novelas*, narrativas ficcionais sobre a vida no agreste pernambucano no início do século XX. Cinco anos depois publicou *Onda Selvagem*, romance com tema urbano, obra segunda colocada no concurso literário patrocinado pela revista *O Cruzeiro* e que conquistou o Prêmio Malleiro Dias. Enquanto isso, editou, em sociedade com seus irmãos, o *Jornal de Letras*, que, em pouco tempo, se tornou um dos principais periódicos literários do país. Ao lado de Álvaro de Barros Lins, passou a escrever famosa coluna para o suplemento literário do *Correio da Manhã* intitulada *Vida Literária*, mais tarde renomeada *Escritores e Livros*.

Em 1951, publicou *Histórias da cidade morta*, coletânea de contos - ou um romance fragmentado - que tem como espaço a mesma cidadela, Santa Rita, em decadência, tais as mudanças nas relações sociais decorrentes dos acontecimentos do Império do Brasil tardio, o que imprimia transformações diversas nas vidas das personagens, algumas recorrentes nos textos.

Publicado pelo jornal *A Manhã* do Rio de Janeiro, em seu suplemento *Letras e Artes*, a partir de 12 de junho de 1949, José Condé fez a primeira experiência de uma narrativa coletiva a convite do organizador, seu irmão Pedro. Foi no *thriller* policial *O homem das três cicatrizes*, responsável pelo oitavo capítulo. Também participaram os escri-

tores Fernando Sabino, Herberto Salles, Adonias Filho, Josué Montello, Dinah Silveira de Queiroz, Marques Rebelo, Lêdo Ivo, Rosário Fusco e Newton de Freitas, que concluiu o trecho de maneira magistral. Neste momento, o nome José Conde já se encontrava entre os expoentes da Segunda Geração Modernista.

Santa Rita, cidade fictícia de atmosfera decadente, voltou a ser o espaço de trama em *Os dias antigos*, de 1955, agraciado com os prêmios Paula Brito, do Distrito Federal, e Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras; obra que ganhou projeção internacional ao ter uma de suas novelas divulgada pela *Revue Générale*, na Bélgica. Em 1961, esses dois livros foram publicados em único volume cujo título foi homônimo ao lugarejo.

A velha senhora Magdalena foi o conto que enviou para a publicação *Maravilhas do Conto Moderno Brasileiro*, organizado por José Paulo Paes, para a Editora Cultrix, no ano de 1958.

A admiração popular nacional veio com *Um ramo para Luísa*, publicado em 1959. Tratava mais uma vez das conturbadas tramas urbanas contemporâneas; foi adaptado para o cinema seis anos depois com o mesmo título, em filme produzido por Herbert Richers e Paulo Porto, dirigido por Josip Bogoslaw Tanko, estrelado por Paulo Porto, Darlene Glória, Elizabeth Gasper, Sônia Dutra e grande elenco. O sucesso foi igualmente grande.

Terra de Caruaru apareceu em 1960 - romance regionalista que mistura melancolia e esperança – vencedor do prêmio Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras. Dois anos depois, *Vento do amanhecer em Macambira*, seguiu mesma atmosfera.

Em 1962, enviou o conto *A Floresta* para a antologia *Quinze contam histórias*, organizada por Lea Reis e Mercedes Pêcego em nome do Departamento Cultural da Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação do Rio de Janeiro (ABBR); e, para *O Livro das Trevas*, da Gráfica Record Editorial, também do Rio de Janeiro, destinou *O Regresso*.

Em 1964, seu conto *Crônica do que Aconteceu ao Beato Torquato M. de Jesus, na Cidade de Caruaru, Pernambuco*,

em 1927 foi publicado na antologia *Os Sete Pecados Capitais*, da Editora Civilização Brasileira, para discorrer sobre a *Inveja*, somando-se ao talento de Mário Donato, Guilherme Figueiredo, Carlos Heitor Cony, Otto Lara Rezende, Lygia Fagundes Teles e João Guimarães Rosa.

Já em 1965, contribuiu mais uma vez com um romance coletivo, *O mistério dos MMM* para as Edições Cruzeiro, ao escrever o capítulo 6. Em conjunto com Viriato Corrêa, Dinah Silveira de Queiroz, Lúcio Cardoso, Herberto Sales, Jorge Amado, José Condé, João Guimarães Rosa, Antônio Callado, Orígenes Lessa e Rachel de Queiroz, a obra se tornou outro *thriller* policial de imenso sucesso.

O livro *Noite Contra Noite* saiu em 1965, como também o conto *O Velho Norberto de Holanda Cavalcanti - Também Conhecido por Velho Nô - Que Residiu na Cidade de Caruaru, Pernambuco, em 1927*, que compôs o quarto mandamento (Honrar Pai e Mãe) de mais um livro coletivo, *Os Dez Mandamentos*, também para as Edições Cruzeiro, acompanhando outros nove escritores de referência nacional: Carlos Heitor Cony, Orígenes Lessa, Marques Rebêlo, Jorge Amado, Campos de Carvalho, Moacir C. Lopes, Helena Silveira, Guilherme Figueiredo e João Antônio. No ano seguinte, o livro *Pensão Riso da Noite: Rua das Mágoas (cerveja, sanfona e amor)* teve enorme êxito entre público e crítica. Foi traduzido para o alemão, em 1968, fez parte da coleção *Literatura Brasileira Contemporânea* da Editora José Olympio (volume 3), com outros 29 grandes nomes modernistas, em 1973, e foi reeditado várias vezes pela Editora Círculo do Livro.

Em 1969, foi a vez do livro *Como uma tarde em dezembro* se tornar um grande sucesso de vendas. No ano seguinte, publicou *O Cachorro* na *Antologia de contos brasileiros de bichos*, organizado por Hélio Pólvora e Cyro Versiani dos Anjos para as Edições Bloch.

Suas últimas obras foram escritas quando já se encontrava enfermo e foram publicadas postumamente.

O Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) contratou José Condé para fazer um verdadeiro trabalho de pesquisa histórica. Foi uma criteriosa coletânea de 90 textos de historia-

dores, jornalistas, relatos de viajantes, poetas, escritores de ficção, sociólogos, geógrafos, militares, educadores, embaixadores, que apresentaram aspectos da vida em torno da produção do açúcar no Brasil ao longo da História, a saber: como chegou, os aspectos geográficos dos canaviais, os transportes, os elementos humanos da produção açucareira (cativos e livres) com seu cotidiano de comidas e bebidas, costumes e tradições (festas, espetáculos, cultos, músicas e danças), revoltas e conflitos. O resultado foi o livro *A cana-de-açúcar na vida brasileira - Textos Coligidos*, publicado em 1971.

No âmbito da ficção, *Tempo vida solidão* foi publicado em 1971, e *As chuvas*, em 1972. O conto *Naé* que consta na *Apresentação da Literatura Brasileira - Tomo 2*, Biblioteca do Exército, seu derradeiro escrito, chegou ao público em 1974.

A humanidade recebeu de José Condé uma herança de grandes construções literárias, especialmente no conto e no romance. É possível observar como característica inicial de sua obra literária a criatividade. Embora procurasse temas cotidianos e personagens de variados grupos socioeconômicos como os aristocratas “coronéis”, os camponeses, os comerciantes ambulantes, os pobres ou miseráveis da cidade, os artesãos, entre outros tantos – traços já constantes na primeira fase do Modernismo – observa-se genialidade ao ser capaz de transformar fatos corriqueiros em complexa trama.

Também da primeira fase do Modernismo apresentou vultoso conhecimento gramatical para habilmente manipular as palavras a fim de enriquecer os diálogos entre os personagens, sempre honestos e emocionantes, assim como valioso conhecimento histórico, o qual o capacitou a abrir a imaginação, imprimir impressionante realismo à fábula e proporcionar profunda confiança ao leitor.

Da segunda fase do Modernismo foi forte a presença, em seus primeiros livros, de uma trama tensa, mas a condução da situação pelas personagens foi, na maioria das vezes, corajosa e meiga. Por fim, com *Histórias da Cidade Morta*, aparecem definitivamente as características da terceira fase do Modernismo, com um pouco mais de objetividade na

linguagem, tênue – embora precisa – crítica à organização sociopolítica vigente e a mudança histórica do brasileiro: da ambiência rural para a urbana, do modo de vida tradicional para o inovador, da moral propugnada pelas elites socioeconômicas para o comportamento antiético, do trabalho afogadiço para o ócio contemplativo.

Ainda que produzisse e publicasse seus escritos no principal eixo do mercado editorial nacional (estados do Rio de Janeiro e São Paulo), fosse convidado para compor livros ficcionais com outros escritores brasileiros renomados, desde antologias e coletânea até capítulos de romances, proporcionasse grande sucesso de adaptação de suas histórias para a televisão e para o cinema, não foi convidado e nunca se interessou em integrar quaisquer academias de letras, salvo em sua cidade e Estado de origem. Não apareceu nas mídias com a frequência dos grandes; humilde, nunca questionou essa condição.

Momento nevrálgico para entender essa constatação parece ter acontecido quando os professores e estudiosos da Língua Portuguesa começaram a escrever e publicar livros sobre História da Literatura Brasileira, apresentando o Modernismo e suas fases como nova “escola” de expressão e estudo, escolhendo outros autores e seus fragmentos de textos para compor os exemplos didáticos. Nas universidades, os docentes dos cursos de Letras tiveram comportamento parecido. Como consequência, destacaram-se nomes como Mário Raul de Moraes Andrade, José Oswald de Sousa Andrade, Antônio de Alcântara Machado, Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho, Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Jorge Mateus de Lima, Murilo Monteiro Mendes, João Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Dalton Trevisan, entre os mais observados.

Das composições desses nomes saíram inúmeras adaptações para a televisão (*Grande Sertão Veredas*, minissérie de 1985; *O Tempo e o Vento*, minissérie de 1986; *Tenda dos Milagres*, minissérie de 1985; entre os de maior audiência) ou para o cinema (*Vidas Secas*, de 1963; *Macunaima*, de 1969; *Dona Flor e seus Dois Maridos*, de 1976 e 2017; *Memórias do Cárcere*, de 1984), que tiveram maior alcance, inclusive no circuito internacional.

Tornaram-se também leituras obrigatórias de literatura para os exames vestibulares (exame aplicado por instituições de ensino superior públicas e privadas no Brasil para admissão de candidatos de todas as idades para seus cursos) como *Contos Novos*, de Mário de Andrade, *São Bernardo*, *Angústia e Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, *Primeiras Estórias*, *Campo Geral* e *Sagarana*, de Guimarães Rosa, *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, *Macunaíma*, de Mário de Andrade, *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, entre tantos ao longo dos últimos 30 anos.

A memória, tanto da obra literária quanto do próprio José Condé, permanece forte em sua cidade natal, Caruaru, por conta do esforço das secretarias de Cultura do município e do Estado para manter a Casa de Cultura José Condé; da família, para manter vivas suas publicações mais conhecidas em livrarias por meio de incentivos culturais; bem de artigos (como este), escritos por admiradores, publicados em jornais ou revistas especializadas em literatura.

Embora pontuais, a vida e as obras literárias de José Condé também passaram a ser esmiuçadas por pesquisas acadêmicas, gerando variados trabalhos (artigos científicos, trabalhos de conclusão de cursos, dissertações de mestrado e teses de doutorado) de brilhantes pesquisadores, sobretudo nas áreas de Literatura Brasileira e História.

Esse interesse somente foi despertado porque se percebeu a generosidade de José Condé em seus laços de amizade, leitura diversificada, atividade jornalística, técnicas de escrita com refinada gramática adquiridas ao longo de sua vida estudantil e profissional, criatividade e puros sentimentos de humildade e empatia, características inerentes a obras literárias de excelência. Ele criou uma realidade ficcional com própria visão de mundo, marcada por traços de profunda humanidade.

Portanto, as obras literárias de José Condé são feitas para o engrandecimento do espírito de quem as lê, oferecendo um magistério profundo de sofisticação dos sentimentos humanos mais valiosos, através do prazer inexprimível que sua escrita proporciona, tal o amor que todo leitor tem pela livre caminhada da vida, de escolhas das quais se van-

gloria ou se arrepende, traçando um destino indefinido entre o certo e o incerto, o sentido da existência de qualquer pessoa. **I**

André Chaves

Cadeira 06 - Patrono Machado de Assis

Bibliografia

- CONDÉ, José. **Caminhos na Sombra**, São Paulo, Livraria José Olympio Editora, 1945.
- _____. **Um Ramo para Luísa**, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1959.
- _____. **Terra de Caruaru**, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1960.
- _____. **Santa Rita – Histórias da Cidade Morta & Os Dias Antigos**, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1961.
- _____. et. al. **15 Contam Histórias**, Rio de Janeiro, Departamento de Cultural da ABBR, 1962.
- _____. et.al. **Os Sete Pecados Capitais**, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1964.
- _____. et. al. **O livro das trevas**, Volume 1, Rio de Janeiro, Gráfica Record Editora, 1968.
- _____. et. al. **Antologia de Contos Brasileiros de Bichos**, Rio de Janeiro, Edições Bloch, 1968.
- _____. **Como uma tarde em Dezembro**, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1969.
- _____. **A Cana-De-Açúcar na Vida Brasileira – Textos Coligidos**, Coleção Canavieira número 7, Rio de Janeiro, IAA – Instituto do Açúcar e do Alcool, 1971.
- _____. **Obras Escolhidas III – Noite Contra Noite & Um Ramo para Luísa**, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1974.
- _____. et.al. **Os Dez Mandamentos**, São Paulo, Editora Círculo do Livro, 1975.
- _____. **Pensão Rio da Noite: Rua das Mágoas (Cerveja, Sanfona e Amor)**, São Paulo, Círculo do Livro, 1976.
- _____. et.al. **O Mistério dos MMM**, Rio de Janeiro, Ediouro, 1978.
- _____. **Obras Escolhidas V – Vento do Amanhecer em Macambira & Tempo, Vida Solidão & As Chuvas**, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1978.
- COSTA, Edson Tavares. **A construção e a permanência do nome do autor: José Condé**, João Pessoa, UFPB – Universidade Federal da Paraíba, Tese de Doutorado, 2013.
- LIMA, Leiliani Thais Pereira de. **A semiótica do jasmineiro em Terra de Caruaru e Santa Rita de José Condé**, Campina Grande, UFPB – Universidade Federal da Paraíba, Dissertação de Mestrado, 2013.
- OLIVEIRA, Maria Juliana de. **Terra de Caruaru no imaginário de José Condé**, Caruaru in **Anais do IV EPEPE – Encontro de Pesquisa Educacional em Pernambuco**, 2012.
- SANTOS, José Veridiano dos. **Falas da cidade: um estudo sobre as estratégias discursivas que constituíram historicamente a cidade de Caruaru-PE (1950-1970)**, Recife, UFPE – Universidade Federal de Pernambuco, Dissertação de Mestrado, 2006.
- SILVA, Hudson Marques da. **Lembranças de um tempo que não volta mais: a Caruaru de José Conde in Anais do IV CIELLA - Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários da Amazônia**, disponível in https://www.academia.edu/11975787/LEMBRAN%C3%87AS_DE_UM_TEMPO_QUE_N%C3%83O_VOLTA_MAI_A_CARUARU_DE_JOS%C3%89_COND%C3%89 acessado em 14/07/2023.
- SILVA, Rian Lucas da. **Putas de Papel: reflexões sobre os espelhamentos simbólicos na representação da prostituta, do sexo e do gozo em Um Ramo para Luísa, de José Condé**, Sousa, Trabalho de Conclusão de Curso, IFPB – Instituto Federal da Paraíba, 2022.
- SOARES, Isbelle Maria; LESZCZYNSKI, Táyara. **A escrita em conjunto na literatura policial brasileira: um olhar sobre os arquivos de João Condé in Revista Palimpsesto**, Rio de Janeiro, v. 21, n.38, pp. 553 – 564, jan. – abr. 2022.

LEMBRANÇAS SADIAS DE UM PAÍS ENTÃO SADIO E DESEJADO – IMIGRAÇÃO AMERICANA

*Valdívia
Beauchamp*

É com gratidão que compartilho este assunto que trata da história da imigração norte-americana ao Brasil, ocorrida a partir do ano de 1866, especialmente para os locais onde hoje são as cidades de Santa Bárbara d'Oeste e Americana, na atual região metropolitana de Campinas, interior do Estado de São Paulo. Estou terminando um livro de ficção histórica que traz a miúdo todas as razões e motivos desta imigração.

Durante os anos de 1861 a 1865, os Estados Unidos experimentaram uma das piores guerras da sua história: a Guerra da Secessão como foi chamada. Por motivos abolicionistas, 11 estados do Sul dos Estados Unidos queriam se tornar independentes e assim formar um novo país, que seria chamado de Estados Confederados da América.

Tudo começou em 12 de abril de 1861, às 4h30 da manhã. Para cumprir esse intento, os Estados Confederados atacaram o Forte de Sumter, um posto militar americano na Carolina do Sul.

Logo, os Estados Confederados, designaram sua capital – Richmond – e elegeram para o governo provisório o presidente Jefferson Davis.

Os Estados no Norte reagiram dizendo que os Estados do Sul não tinham o direito de separar-se e criar um novo país. Assim começou a Guerra da Secessão, uma guerra civil que durou quatro anos e que terminaria somente em 28 de junho de 1865, com a rendição das últimas tropas remanescentes dos Estados Confederados e, obviamente, debaixo de uma devastação total dos estados do Sul. O saldo de mortes chegou a quase um milhão de pessoas.

Nos Estados do Sul a atividade principal era a agricultura de algodão, com significativo volume de exportações, muito dependentes da mão-de-obra escrava. Possuíam apenas 10,5 dos 31 milhões de habitantes norte-americanos, e ainda quase quatro milhões deles eram escravos. O Sul tinha apenas uma fábrica de armamentos. Já o Norte possuía três fábricas de armas muito mais modernas, extensa rede ferroviária, e contava com 2/3 da população total. Evidentemente, os estados do Sul iniciaram uma batalha com larga desvantagem humana, de armamentos e de recursos.

Com seus motivos, depois de três anos eleito, sem tomar uma decisão, o então presidente americano Abraham Lincoln, um republicano contrário à escravidão, em plena Guerra da Secessão, assinou o *Emancipation Proclamation*, no dia 1º de janeiro de 1863, libertando todos os escravizados. Mas eles eram analfabetos e ainda proibidos de aprender a ler e escrever, resultando, portanto, no não conhecimento dessa lei, na ocasião.

Em 15 de abril de 1865, praticamente no final da Guerra da Secessão, o presidente Lincoln foi assassinado pelo fanático ator sulista John Wilkes Booth. Imaginamos que a situação poderia ter sido diferente, com um final feliz, todavia, sem o desfecho do presidente Lincoln...

A partir daí podemos dizer que foram anos difíceis para a América. A guerra foi interrompida, e a produção e o fornecimento de algodão nos estados do Sul, quase que pararam totalmente. Evidentemente, o preço do produto disparou no mercado internacional.

A Guerra de Secessão foi considerada a primeira guerra moderna da história, fazendo surgir os fuzis de repetição e as trincheiras, que iriam marcar, de forma mais acentuada, a Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918. As novas técnicas tornaram obsoletos o sabre e o mosquete, fazendo da luta corpo a corpo uma forma de combate cada vez mais inútil.

Um dos combatentes sulistas, o coronel e senador pelo Estado do Alabama, William Hutchinson Norris, insatisfeito com a derrota e com as condições a que teriam que se submeter, e agora, sem poder contar com a mão-de-obra es-

crava em suas lavouras, liderou um movimento migratório para outros países. O Brasil foi um dos escolhidos por seu grupo (o outro foi o México), por possuir grandes extensões de terras férteis e, por ainda poder contar com o trabalho escravo e pela acolhida que o governo imperial brasileiro, liderado por D. Pedro II, oferecia. Tanto D. Pedro II, como Norris eram ligados à maçonaria, o que facilitou muito essa aproximação. Norris foi grão-mestre da Grande Loja Maçônica do Alabama.

De imediato após a guerra, o coronel William H. Norris, liderando esse movimento de imigração para o Brasil, trouxe com ele intelectuais, profissionais liberais e pessoas com larga experiência na agricultura, na medicina, na geologia, professores, dentistas, a grande maioria deles já fazendeiros nas localidades de origem. O processo de imigração desses norte-americanos ao Brasil iniciou-se em 1866.

O local escolhido para a fixação da maioria deles foi onde hoje estão situadas as cidades de Santa Bárbara d'Oeste e Americana, na região metropolitana de Campinas, interior do Estado de São Paulo. A pequena Villa de Santa Bárbara já existia, fundada em 4 de dezembro de 1818, por Dona Margarida da Graça Martins, e viveu uma euforia de progresso com o estabelecimento dos imigrantes americanos.

Ao chegarem, imediatamente cuidaram de construir suas casas, formar as vilas e começar o plantio de algodão, que estava com altos preços no mercado internacional.

A prosperidade chegou à região. Logo depois, apoiada por fazendeiros de café do interior de São Paulo, a expansão da ferrovia instalou uma estação na Villa de Santa Bárbara e se estendendo até o local onde hoje se localiza o município de Rio Claro. Criou-se a primeira fábrica têxtil na região, a histórica Indústria Têxtil Carioba. A industrialização de Americana se deveu a essa fábrica, que vendia suas máquinas obsoletas aos funcionários, e estes abriam pequenas fábricas em suas casas, como numa cooperativa moderna.

O progresso não parou por aí, a cidade de Americana ganhou a carinhosa denominação de a “Princesa Tecelã”, por conta do volume de indústrias têxteis na cidade, fato que se nota até hoje. Uma história bonita de integridade entre

países, gerando trabalho, e determinação acima de tudo, de união das famílias em prol do desenvolvimento, que acabou culminando no surgimento e no desenvolvimento das cidades de Americana e de Santa Bárbara d'Oeste. Eles expandiram e várias cidades da região também ganharam influência e se beneficiaram com a imigração.

Em Piracicaba, vizinha de Santa Bárbara d'Oeste, a missionária Martha Watts fundou, em 13 de setembro de 1881, a primeira escola metodista do Brasil, o Colégio Piracicabano, sendo referência em instituição de ensino até os dias atuais. Depois veio o Instituto Presbiteriano Mackenzie. **T**

Valdívia Beauchamp

Sócio Correspondente - Nova York e Portugal

Conheci Marina ali pela metade dos anos 1960, quando, cursando a Faculdade Católica de Direito de Santos, comecei a publicar no semanário *News Seller*, predecessor do *Diário do Grande ABC*, uma coluna abordando notícias ligadas à vida universitária. Ela era a redatora da coluna social do jornal. Posso afirmar, com toda certeza, que sua editoria era de excelente nível, demonstrando sua enorme capacidade de informar os leitores, com textos de muito bom gosto.

Mais tarde, fui encontrá-la no Tênis Clube de Santo André, local onde seus filhos, Hector e Hernan, frequentavam e fizeram amizade com os meus. Nessa época, como professora do Américo Brasiliense, teve um de meus filhos como aluno. Assim, nossos contatos foram bem efêmeros, não podendo dizer que tivéssemos cultivado grande amizade.

Depois de todos esses anos, mais de 30, sem que tivéssemos qualquer contato, nossos encontros se tornaram frequentes devido aos eventos literários dos quais passamos a participar. Essa aproximação veio culminar com a minha apresentação à Academia de Letras da Grande São Paulo, em 29 de março de 2012. Devo-lhe, então, esse grato acontecimento em minha vida, ao me tornar um mortal. Ela que ocupava a Cadeira 15, cujo patrono é Martins Fontes.

Marina era dotada de sublime veia poética, traduzida pela enorme gama de poemas que escreveu, tendo sido agraciada e reconhecida por meio dos diversos prêmios recebidos em concursos literários dos quais participou pelo Brasil inteiro.

Seu tema preferido, sem dúvida, era o amor, como disse, por exemplo, em *Escultura:*

Vagarosamente
Contornavas com os dedos
Meu rosto
Como se me esculpisses

E eu desabrochava
Viva
Para teu amor.

Seus versos, como bem observou o confrade Acadêmico Celso Cini ao prefaciá-lo seu excelente livro de poesias *Reminiscências*, são simples em sua forma, e brancos. De memória incomum, era capaz de, nas suas apresentações em público, declamar dezenas de seus poemas, o que o fazia de modo singelo e que cativava a todos pela força de expressão que impunha aos mesmos.

Marina Rolim, onde estivesse, figurava com extrema relevância, apesar de sua notória simplicidade, pela simpatia que irradiava, com seu sorriso sempre presente. Durante toda a doença que lhe consumia, portava-se com altivez, conseguindo nos brindar com a beleza de seus versos. Demonstrava, assim, toda a força interior que possuía.

Sem dúvida, e sem medo de estar exagerando em demonstrar meus sentimentos, ousou dizer que a morte de Marina foi uma perda imensurável, lamentável mesmo, tanto para as letras da região, quanto para toda a nação.

A lacuna por ela deixada é impossível de ser preenchida, e as futuras gerações, certamente, terão a felicidade de reconhecê-la como a grande poetisa que foi, pois, realmente, seus versos levam-na à condição de imortal. **T**

José Bueno Lima

Cadeira 14 - Patrono Álvares de Azevedo

MUDE, MELHORE, CRIE!

Milton Bigucci

Não existe uma regra única para empreender. Cada caso é um caso. É preciso ter uma visão para o futuro. O passado, a experiência e o presente ajudam muito. Sempre com humildade e diálogo. Aprende-se a cada minuto. É preciso conhecer bem o que se vai produzir e vender.

Não se deixe levar só pelo entusiasmo. Ele é necessário, porém, deve ser bem analisado, verificando prós e contras. Ouvir as pessoas, o mercado, analisar a concorrência e o público-alvo é importantíssimo.

Nunca gaste todas as suas reservas, pois nem sempre dá tudo certo. Os problemas parecem a cada segundo. Aprenda com os erros. Seja arrojado.

Participe diariamente do seu negócio, com os colaboradores. Pergunte o que estão fazendo, dê ideias, tenha interesse. Eles gostam, e é importante para valorização das pessoas e do negócio. Mude. Melhore. Crie.

Hoje temos, no Brasil, 15 milhões de Microempreendedores Individuais (MEIs) e 21 milhões de CNPJs ativos, dos quais 93,7% são de microempresas ou empresas de pequeno porte, segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). A faixa etária que mais empreende está entre 35 e 64 anos (66,5%).

Em 2020, houve um crescimento perto de 2 milhões de pessoas que se tornaram MEI por conta da pandemia da Covid-19. Os cidadãos viraram empreendedores por necessidade: empregos em queda e busca por ajuda emergencial por parte dos governos. Muitos desses MEIs tiveram sucesso, quase “obrigando” seus titulares a vencer.

Nem sempre o empreendedorismo aparece por ideal. Muitas vezes, vem por necessidade. Mesmo que você não seja um empreendedor nato, aprenda, apanhe e você alcançará a vitória!

Esta mensagem, chamada *O Sucesso*, que li no portal *Recanto das Letras* também acrescenta muito ao tema:

A estrada para o Sucesso não é uma reta.
Há uma curva chamada Fracasso,
Um trevo chamado Confusão
Um quebra-molas chamado Amigos,
Faróis de advertência chamados Família,
E pneus furados chamados Empregos.
Mas... Se você tiver um estepe chamado Determinação,
Um motor chamado Perseverança,
Um seguro chamado Fé
E um motorista chamado JESUS,
Você chegará a um lugar chamado Sucesso.
(postado por Maria Tiradentes, em 2009)

Não há idade para começar a empreender, hoje se vive mais. A expectativa de vida do brasileiro que nasceu em 2023 é de 76,2 anos. Antigamente, a média era de 45 anos. Isso há menos de 100 anos.

Muitas das grandes empresas nasceram de empreendedores que já tinham mais de 50 anos de idade. Como exemplos, podemos citar: Nestlé, Coca-Cola, IBM, KFC, McDonald 's, etc. A verdade é que sempre é tempo de empreender, não se preocupe com sua idade.

Mas, nunca se esqueça de se atualizar. É fundamental para o sucesso do seu negócio, não importa o que fizer, busque conhecimento, inovações, experiências bem e malsucedidas.

Persistência - Só os obstáculos nos fazem amadurecer pessoal ou profissionalmente. Só conseguiremos sair do lugar comum, se nos diferenciarmos, se tivermos humildade e persistência, acreditando que nada pode nos deter. Temos de deixar marcas boas por onde passarmos, com exemplos a serem seguidos.

Não se deixe derrotar. Vá à luta sempre, a vitória é de quem tem garra e vontade. Nunca pare de trabalhar e produzir. Apenas diminua o ritmo ao envelhecer, ou procure algo a fazer, mas não pare. Em cada nova empreitada na vida comece acreditando que é possível. Você já deu um passo para sair vencedor.

O seu exemplo é benéfico para a sua família e seus amigos. Enfim, para quem te acompanha. Claro, nada é fácil ou rápido, mas comece, planeje e arrisque também. Não seja passivo. Vibre e acredite, reze para ter saúde. O restante vem.

Dicas para gerir uma empresa familiar – Eu gostaria de compartilhar algumas dicas para aqueles que querem montar uma empresa familiar, afinal o Brasil está entre os dez países empreendedores do mundo, sendo que 90% das empresas seguem o modelo familiar.

Em meu caso, esse modelo funcionou e funciona muito bem até hoje. São quatro filhos e um sobrinho que estão no comando, e o fazem muito bem. Vibram com o trabalho, estão vencendo e produzindo muito. E agora já estamos na terceira geração, com os netos. A perpetuação da empresa é a busca incessante dos resultados, com ou sem crise. O importante é o resultado final positivo, com todos sempre unidos.

1. Coloque seus filhos para trabalhar o mais rápido possível junto a você. Eles têm de entender que tudo que você está produzindo é deles. Por que não como *office-boy*? Comigo foi assim;
2. Você tem de observar as vocações. Se pedir para fazer o que não gostam, estará criando autômatos. O objetivo é criar indivíduos que saibam pensar, discernir e decidir;
3. Eles devem passar por todos os setores em um rodízio de departamento, até que sejam despertados pela área certa para trabalhar. É importante que os papéis e atribuições de cada um estejam bem definidos;
4. Quando jovens, devem se fazer respeitar para não perderem a disciplina e o futuro comando. Não

- podem ser “o filho ou neto do patrão”, têm de ser competentes e humildes, ganhando a confiança dos demais colaboradores;
5. Os novos comandantes devem ir assumindo gradualmente, para que os clientes não sintam a aposentadoria do “cabeça” e continuem comprando;
 6. Nunca misture os problemas particulares com os da empresa. Administre os dois separadamente. Os laços afetivos nunca podem se sobrepor à gestão da empresa. Esta é mais importante;
 7. É preciso definir previamente a remuneração de cada um. Patrimônio da empresa não deve ser confundido com o pessoal, portanto, nunca pague uma conta pessoal com recurso da empresa;
 8. O grande ponto está na união dos herdeiros. De onde sai o sustento não pode haver fracasso, nem desunião, por isso o diálogo é muito importante entre os membros da família. Deve haver regras e evitar discussões indetermináveis. Quanto mais gerações, mais difícil fica a perenidade da empresa;
 9. Nunca permita que os familiares que estão fora da empresa deem palpites;
 10. É preciso sempre inovar e não perder o foco. A tradição deve ser mantida, mas inovar a empresa é necessário. Deve-se procurar novos locais, novos produtos, tecnologia, melhoria da qualidade e preços mais competitivos;
 11. A figura do fundador deve ser preservada e servir como exemplo sempre, pois foi com suas virtudes e defeitos que a empresa nasceu do nada, prosperou e venceu;
 12. Só fale sobre o que você sabe. Aprenda. Não dê opinião se não sabe. Não é crime não saber, mas sim falar sem saber. Quem somos nós para julgar.
 13. O patriarca só deve parar de trabalhar quando sentir que não é mais útil ou que esteja atrapalhando.

No livro *A vida é um jogo*, escrito pelo jogador de vôlei

Tande, medalhista olímpico, há um parágrafo no qual ele compara a quadra ao ambiente corporativo. Quando eu li, me lembrei do início da construtora, de quando os meus filhos faziam rodízio nos departamentos para ver em qual se encaixavam melhor. Segue um trecho do livro:

A quadra se assemelha ao ambiente corporativo, onde as regras e posições estão menos explícitas, mas eventualmente podem ser até mais rigorosas que as de vôlei. Os espaços de atuação de uma empresa são subdivididos e é preciso que cada um se dedique a fazer bem-feita uma tarefa – defender, levantar, atacar – para que o time inteiro funcione. Mas os espaços não precisam ser limites intransponíveis. É tudo uma questão de oportunidade e de saber jogar para time.

Enfim, administrar uma empresa familiar é uma arte e só com sabedoria e bom senso se consegue. Não é fácil. Por isso muitas fecham na terceira geração e algumas, na segunda. Cabe a cada membro familiar zelar pela próxima geração. Educá-la, discipliná-la e tornar a empresa mais forte. É assim que eu vejo.

Trabalho - O trabalho sempre esteve na minha vida. Desde os meus 9 anos de idade eu já ajudava meus pais em casa e, mesmo depois de aposentado, eu nunca parei. Para vencer, é preciso fazer algo que a maioria não faz: trabalhar e estudar muito, com muita dedicação e amor. Algumas dicas para ser um grande profissional:

1. Comece a trabalhar cedo e incentive seus filhos e netos a fazerem o mesmo;
2. Seja otimista e tenha muita confiança no que faz;
3. Pare de criticar e comece a produzir;
4. A vida é uma luta constante. É uma corrida de obstáculos. Não desanime nunca;
5. Não viva se lamentando;
6. Não proteja suas decisões. Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje;

7. Seja transparente e fale a verdade sempre;
8. Busque ser útil e produza, não viva de esmolas;
9. Nos negócios, deve-se arriscar, com os pés no chão;
10. Não deixe as oportunidades passarem. Não perca o bonde. Às vezes, elas não voltam mais;
11. Se possível, não faça dívidas. Não gaste mais do que as suas receitas;
12. Nas crises de mercado, nade na contramão; pense fora da caixa;
13. Trabalhe muito;
14. Ouça as críticas. Só os que produzem são criticados;
15. Férias sim, aposentadoria jamais. Não se assuste com a ideia. Se for o caso, aposente-se, mas continue trabalhando.

Vagabundo x trabalhador - “Sorte é o nome que o vagabundo dá ao esforço que ele não fez”. Esta frase de Leandro Karnal diz muito! Para os vagabundos é uma lamúria sempre. Vocês já viram que as pessoas que nada fazem só reclamam? Cada indivíduo tem suas virtudes e seus defeitos. Devemos respeitá-las sempre. É assim que somos, cheios de qualidades e defeitos. A coisa mais difícil de ver são os nossos defeitos. Já os dos outros... Devemos, então, equilibrar as coisas.

Quanto mais reclamamos, menos produzimos. Algumas pessoas costumam dizer que a culpa é sempre dos outros, do mundo, nunca nossa. As pessoas negativas sempre acham que são vítimas, mas nada fazem para mudar esse quadro. Reclamam de tudo.

Desculpas têm em profusão, solução concreta, perto de zero. Temos de mudar para melhorar. Pense e aja positivamente, não seja negativo.

Assim é a vida: quando pensamos que tudo está perdido, aparece uma saída. Não desanime, não desista, não chore, continue em frente sempre. Muitos adoram criticar o sistema capitalista. Para você entender o porquê, eu resolvi compartilhar esse texto do Facebook que recebi, de autor desconhecido:

O capitalismo é o sistema mais excludente que o ser humano já criou. Ele exclui o fraco, o preguiçoso, o chorão, o malandro, o folgado, o esperto, o moleque, o puxa-saco, e toda corja que busca enriquecer ou sobreviver sem trabalhar. Ele só permite a inclusão de um tipo de pessoa: o trabalhador. (autor desconhecido no Facebook)

É assim que penso e ajo. As pessoas precisam parar de só reclamar e ter mais atitudes. Trabalhar e estudar mais. Produzir e fazer o bem. Só assim vamos acabar com um dos maiores problemas sociais do Brasil: a miséria.

Trabalhe e coloque em prática suas ideias e você verá como é mais fácil alcançar seus objetivos. Não perca o foco. Não desanime nunca. Tudo isso com prazos e metas claras. Utopia não adianta. Raça e garra nas atitudes. Quantas coisas você já procrastinou na sua vida e ficou inventando desculpas para, no final, não começar nada?

Não devemos ter apenas boas intenções e sonhar com uma vida melhor, devemos agir para que isso aconteça! Se você quer fazer a diferença e viver os seus sonhos, parta para a ação agora! É assim que muitos começam a empreender e depois de algum tempo percebem que a ação fez o seu sonho se tornar realidade. Nada te barrará. Transponha os obstáculos e a vitória terá mais gosto, sempre com Deus. **¶**

Milton Bigucci

Cadeira 5 - Patrono Lima Barreto

VIOLÊNCIA NÃO, POESIA SIM!

*Alcidéa
Miguel*

Hoje vivemos um momento bem intenso em relação à violência. Quando nos deparamos com a triste realidade do índice de crescimento destas ações, isso nos causa indignação e tristeza. Elas estão presentes nas escolas, nos relacionamentos amorosos, no trabalho, entre familiares, no trânsito, no esporte, enfim, em todos os setores da vida.

As pessoas querem resolver todas e quaisquer situações com agressões verbais e corporais, que incluem xingamentos, injúrias raciais, discriminação, mortes, espancamentos, *bullying*, abusos sexuais, etc.

A violência tem atingido um nível alarmante em nossa sociedade. Notícias e casos em escolas, que víamos acontecer em outros países, hoje os vemos tão perto de nós, como por exemplo: alunos invadindo escolas, matando professores, funcionários e seus colegas do corpo discente.

Acredito que, se cada um de nós colaborar com a sua melhor estratégia, teremos um resultado melhor. Uns com a arte, outros com o esporte, educação, comunicação, literatura, além de outros recursos.

Observando a seguir uma declaração feita no ensaio *Direito à Literatura*, do sociólogo, professor brasileiro e crítico literário Antônio Cândido (1918–2017): “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (1977, p.243). Ele diz ainda que “a literatura desenvolve em nós a quota da humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante.” (São Paulo: Duas Cidades, 1995).

Nas palavras de Antônio Cândido a literatura exerce o papel de formar e humanizar.

Eu concordo. Penso que a leitura e a escrita geram prazer, humanizam e liberam o que está no interior das pessoas, ge-

rando, assim, maior facilidade de o educador perceber onde está a sua dor (frustração) aplicando seu plano para que este indivíduo alcance o desenvolvimento do seu equilíbrio.

Exponho neste texto um trecho literário do poeta Vinicius de Moraes, meu patrono nesta Academia de Letras da Grande São Paulo, onde ocupo a Cadeira 25, mas, primeiramente quero destacar a sua biografia para que entendamos a essência da sua escrita. Aproveito para aplaudir a sua brilhante jornada!

Marcus Vinicius da Cruz de Mello Moraes, conhecido como Vinicius de Moraes, nasceu no Rio de Janeiro em 19 de outubro de 1913. Filho de Clodoaldo Pereira da Silva, funcionário público e poeta; e de Lídia Cruz, pianista. Foi um dos grandes nomes da Bossa Nova, sendo reconhecido internacionalmente pelo seu trabalho musical. Começou a escrever seus primeiros versos e poemas aos 16 anos. Era bacharel em Letras e em Direito, mas não exerceu nenhuma das profissões. Em 1933, ano da sua formatura em Direito, Vinicius publicou seu primeiro livro de poemas, chamado *O caminho para a distância*.

Em 1943, foi aprovado no concurso para diplomata, foi para os Estados Unidos onde assumiu o primeiro posto diplomático como vice-cônsul em Los Angeles. Nos anos de 1950 atuou no campo diplomático em Paris, Montevidéu e Roma. Retornou ao Brasil em 1964, aposentando-se em 1968. Foi dramaturgo, crítico de cinema, jornalista, fez parcerias musicais com: Toquinho, Tom Jobim, Chico Buarque, Edu Lobo, Carlos Lyra, Francis Hime, Baden Powell, João Gilberto e outros nomes.

Suas composições musicais somam cerca de 250 músicas entre solo e parcerias, 13 livros, quatro peças teatrais e três prosas.

Na literatura, publicou muitos livros nos gêneros prosas, sonetos, baladas, poemas, antologias poéticas, etc. Vinicius de Moraes faleceu em 9 de julho de 1980; 14 anos depois, o livro *Jardim Noturno*, uma coleção de poemas inéditos organizados por Ana Miranda, venceu o Prêmio Jabuti, na categoria Poesia. Sua inesquecível música *Garota de Ipanema* tornou-se um hino. É conhecida mundialmente.

Esse polivalente poeta e letrista também surpreendia na literatura, externando a sua capacidade de ir dos motivos transcendentais aos temas do dia a dia.

Sua inspiração para compor músicas e versos era o amor e as suas manifestações: saudade, paixão, carência, solidão. Era chamado de “Poetinha”. Era amoroso, deixando seu interior bem explícito em suas obras, como por exemplo no *Soneto da Fidelidade* (1946).

É incrível como Vinicius de Moraes usava a literatura para pacificar. Diferente do que lemos ou ouvimos atualmente; mensagens constituídas de palavras de vinganças aos termos dos relacionamentos. Ao contrário, ele escrevia seus sentimentos, mas respeitava a decisão e a vontade alheia.

Trago como exemplo duas obras literárias do poeta. São sonetos, com estrutura literária que apresentam forma fixa composta de 14 versos, quatro estrofes, dois quartetos e dois tercetos; com número variável de sílabas, sendo o mais frequente o decassílabo, e em cujo último verso concentra-se a ideia principal do poema, ou que deve surpreender o leitor.

Soneto de Fidelidade

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto

Que mesmo em face do maior encanto

Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto

E rir meu riso e derramar meu pranto

Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quanto mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive

Quem sabe a solidão, fim de quem ama

**Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.**

Observemos a quarta estrofe em negrito. O autor, sendo muito realista, indica que o amor é uma chama, e ela não dura para sempre! Tem começo, meio e fim. Nas estrofes anteriores ele diz que estará atento, amará com zelo, aproveitará cada momento deste amor. Afirma: “Que seja infinito enquanto dure”. Argumento enfático!

Em seu *Soneto de Separação*, observemos as estrofes em negrito:

**De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.**

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente.

**Fez-se do amigo próximo, distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.**

O poeta está sofrendo a separação, sentindo a falta da namorada que não compareceu, sente-se apaixonado, mas não com promessas de violências. Sua atitude é escrever sonetos, compartilhar com as pessoas, contagiando-as com mensagens de paz e amor. Foram escritas há mais de 80 anos, chegaram até nós e continuarão sendo propagadas através da leitura, das músicas, das declamações, do teatro, porque o que é escrito torna-se eterno. É uma mostra diferenciada de separação; o sentimento expressado através da poesia.

A poesia tem o poder de fazer a multidão silenciar para ouvi-la. Todos ficam atentos para sentir o pulsar ritmado do coração do poeta!

Enquanto houver poesia, a guerra perderá a força e abrirá espaço para a paz habitar.

Meu patrono me inspirou a divulgar a paz através da escrita. Seus textos me encorajam a seguir o seu legado!

A literatura é a estratégia assertiva para combater a violência. Digo sim à poesia! **T**

Alcidéa Miguel

Cadeira 25 - Patrono - Vinicius de Moraes

BIBLIOGRAFIA

Dicionário Aurélio on-line

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 3ª Ed. Revista e ampliada, São Paulo.

CANDIDO, Antônio. **Direito à Literatura**, 1977.

Moraes, Vinicius. **Poemas, sonetos e baladas**, São Paulo, Editora Gávea, 1946.

RELACIONAMENTOS PACÍFICOS E PACIFICADORES

*Maria do Céu
Formiga de
Oliveira*

Quantas vezes deixamos de apreciar uma viagem porque nos sentimos atraídos por outras coisas durante o trajeto, principalmente, quando passamos por paisagens pouco agradáveis aos nossos olhos. Assim acontece com os sentimentos e emoções que carregamos.

É necessário olhar para eles, até mesmo para aqueles que incomodam, como a forma mais importante – se não, a única - de perceber os verdadeiros encantos da vida, esse surpreendente percurso que nos revela horizontes incríveis e outros, aparentemente, sombrios.

Nossa bagagem está cheia de fragilidades, anseios, medos, expectativas...Embora não estejamos sós neste mundo, somos, no fim das contas, os únicos responsáveis por esse trajeto, essa travessia e, portanto, os únicos capazes de garantir uma chegada ao destino com equilíbrio, serenidade e a salvo.

Mesmo tendo tal consciência, insistimos em transferir para o outro certa responsabilidade por nossos desvios ou por aquilo que simplesmente não saiu como planejado. É quando abrimos espaço para sentimentos que nos desestabilizam, como a raiva, a frustração, a tristeza, o apego, a dor, porque nem sempre estamos aptos a encará-los de frente e compreendê-los como uma parte só nossa.

Envolvemos nossas relações de expectativas. Olhamos para o outro como se já esperássemos os seus movimentos tais quais acreditamos que deveriam ser.

Aqui, cabe uma observação importante: as relações entre as pessoas implicam a experiência do encontro, cujo desdobramento deve ser a generosidade. Sair de si com a finalida-

de de ir rumo ao outro para fazer-lhe o bem, para servir, para levar a alegria é diferente de atribuímos a ele a responsabilidade por nossos caminhos e escolhas. A cultura do encontro se concretiza na reciprocidade. Tomar a iniciativa e aproximar-se, livre de condicionamentos ou expectativas, mas com uma autêntica humildade para favorecer o diálogo.

É imprescindível reconhecer a alteridade e a dignidade do outro. O outro é diferente, tem certamente outras referências e experiências culturais, porém, por meio do encontro e do diálogo é possível harmonizar as diferenças e interagir. A cultura do encontro implica tornar-se próximo do outro, eliminar as distâncias e condicionamentos que levam ao isolamento, indiferença ou irresponsabilidade.

E o diálogo é um dos seus principais instrumentos. Encontrar-se com aqueles que têm outras opiniões e diferentes opções não quer dizer abdicar dos próprios princípios, valores e convicções. Um encontro autêntico não coloca em risco a própria identidade, tampouco desperta o medo de não ser aceito. Ah, o medo de não ser aceito...

Nossa busca cega pela aceitação cria em nossa mente a ideia de que, se não fizermos o que o outro espera, ele não vai nos acolher. Daí surgem relações desequilibradas que se sustentam à base de uma espécie de troca compulsória que nada tem a ver com a reciprocidade: desejamos ser perfeitos para sermos aceitos e, conseqüentemente, depositamos no outro a obrigação de entregar-nos essa mesma perfeição para também ser digno de receber o nosso aceite.

Ao desviar o olhar dos horizontes que são nossos, individualmente, olhamos para o outro esperando que ele vá nos mostrar paisagens mais interessantes, mais encantadoras... E como isso não acontece, nos sentimos esfacelados e com a sensação de que a bagagem está ainda mais pesada. E ela está, de fato. Esticamos ao máximo as margens dos nossos compartimentos internos para que deem espaço à angústia e à tristeza.

Essa constante busca pela aceitação impede que vivamos em plenitude, então, vamos perdendo o sentido na própria vida. E isso está diretamente ligado ao acúmulo de informações e influências externas que recebemos ao longo da vida

e que ficam guardadas dentro de nós, movendo as nossas ações de maneira inconsciente.

Quantas vezes ouvimos de nossos pais ou parentes próximos que determinados objetivos têm de ser cumpridos para sermos “alguém na vida”? Que apenas por meio de certas atitudes e conquistas conseguiremos alcançar o sucesso, a realização pessoal e profissional?

Essas crenças tomam proporções ainda maiores à medida que crescemos e colocamos cada vez mais pesos e cobranças sobre nós mesmos. Queremos ter o corpo perfeito, um trabalho que dê mais dinheiro, ainda que isso não seja sinônimo de realização pessoal. Nossas crenças colocam uma venda em nossos olhos e impedem que vejamos quem realmente somos, distanciando-nos ainda mais daquilo que é a verdade da nossa alma.

Nesse estado vulnerável às influências externas, nossa alma entra em desordem, como se estivesse em um trânsito confuso sobre o que, realmente, devemos valorizar e sobre aquilo para o qual devemos – e precisamos olhar.

Chegamos, então, a um estágio no qual é necessário disciplinar o corpo no silêncio. Somente no silêncio interior a alma começa a entrar em um contexto de quietude.

A linguagem silenciosa revela necessidades empurradas para uma não existência. Traz à tona, também, nossos monstros internos. Por outro lado, mostra, ainda, nosso potencial construtivo para ressignificar construções anteriores e aprimorar nossa escuta. É preciso calar para escutar. Escutar para que as necessidades físicas, emocionais, relacionais e espirituais sejam favorecidas.

Agora, com as vozes da ansiedade e da angústia silenciadas, retornamos de forma mais madura e consciente para nossas relações, encontrando mais equilíbrio e discernimento.

Todo esse movimento acontece por meio do despertar da consciência de quem somos e das relações que desejamos estabelecer e manter ao longo da vida. No silêncio, quando abandonamos o lado de fora, uma presença fertilizadora nos envolve.

Naturalmente, quando aprendemos a ouvir melhor, aumentamos a qualidade do que dizemos para o outro, porque ouvir gera fecundidade, traz assertividade às nossas palavras. E ouvir-se? E ouvir a voz do coração? Amplia muito a capacidade de compreender o que, de fato, se passa no nosso íntimo. E essa audição só se dá no secreto, no silêncio.

Todos nós somos luz e sombra. Lançar fora o hábito de nos desmerecer, de nos desprezar por não alcançar o que queríamos, é um passo importante no processo de mudança.

Sofremos no corpo os efeitos da ansiedade. O medo e a falta de paciência dificultam nossa relação com outras pessoas. Estamos vivendo para fora demais, monitorados por compromissos demais e quietude de menos. Nada, além de nós mesmos, pode ser responsável pela nossa felicidade ou infelicidade.

Reprimir o olhar aos horizontes cinzas que passam por nós, no percurso de cada um, é somente camuflar o fato de que eles estão ali. *Eles estão ali*. E fazem parte do caminho. Precisam ser olhados de frente e, de certo modo, com o passar do tempo, vamos ganhando intimidade e entendendo que são passageiros. Nada é eterno.

Compreendemos, ainda, que todos nós, sem exceção, carregamos um pouco de sofrimento na bagagem, mas não o suficiente para aniquilar os encantos e os propósitos da vida.

Quando falamos de relacionamentos pacíficos e pacificadores não estamos falando de um olhar infantil que não vê as irregularidades das relações, que não espera por reciprocidade ou por misericórdia.

Não é preciso privar o outro de trilhar o chão que está sob os seus pés e viver os momentos não tão doces que geram, no mínimo, amadurecimento. Mas permitir e aceitar que a jornada individual é inevitável e que o equilíbrio entre nossas aflições e sentimentos apaziguadores é um exercício diário, fortalecedor e que dá sentido à continuidade dessa viagem, na qual cada cenário pode ser, na verdade, um recomeço. E ele acontece de dentro para fora. Não o contrário. **¶**

Maria do Céu Formiga de Oliveira

Cadeira 38 – Patrono Mário Quintana

A MENSAGEM ASTROLÓGICA DO NASCIMENTO DO MESSIAS

*Celso de
Almeida Cini*

A Conjunção notável no Signo de Peixes

A

Estrela de Belém! - Naquela data, portanto – 17 de dezembro, de 1603 – o matemático, astrônomo e astrólogo imperial, João Kepler, descobridor das Leis Celestes que regem os movimentos de rotação e translação dos planetas do Sistema Solar, ao qual também pertence o planeta Terra, fazia observações, com seu telescópio, sobre a Conjunção de Júpiter, Saturno e Mercúrio.

Segundo eles, a vinda do Messias deveria ocorrer por ocasião de uma conjunção de Júpiter e Saturno nesse signo do zodíaco, considerado “O bom Caminho”. Kepler, então, fazia e refazia cálculos para verificar quando teria ocorrido esse fenômeno brilhante conhecido como “A Estrela de Belém”, e se haveria semelhança com o dessa noite. Na verdade, buscava a data exata do ano em que acontecera o nascimento de Jesus Cristo, obtendo, sempre como resultado, a data de 07 a.C.

Faltavam-lhe meios para oferecer uma prova científica, o que lhe prejudicava nas pesquisas. Só a ciência do século XX, na verdade, revelaria a solução.

Quando e como o mistério divino se divulgou nos céus? - Em 1925, o sábio alemão Schnabel decifrou anotações cuneiformes divulgadas pela Escola Astrológica de Sippar, da Babilônia. Em meio à grande quantidade de dados corriqueiros, se encontram observações importantes, relativas à presença e movimentação dos planetas Júpiter e Saturno na Constelação de Peixes, que confirmaram os estudos de Kepler sobre o anúncio do nascimento do Messias entre

os anos de 07 e 06, antes do nascimento de Jesus Cristo, e, pelo espaço de alguns meses, revelando ao final, o momento histórico: ano, a data do nascimento do Messias, do filho de Deus Pai, Todo Poderoso, que ungiu a Jesus, o Messias!

Com o auxílio do planetário, foi possível aos astrônomos e astrólogos voltarem atrás o relógio do tempo e comprovar como se apresentava o céu estrelado da Palestina, particularmente, em Belém da Judeia, naquele período dos anos 07 e 06 a.C., entre janeiro e dezembro, quando Kepler afirmou que a conjunção dos planetas Saturno, Júpiter e Mercúrio, na Constelação dos Peixes, havia ocorrido. E com uma visão bastante clara na região do Mediterrâneo!

A conjunção que deu origem à Estrela de Belém! - O calendário do encontro dos dois planetas principais, ou seja, a conjunção, na Constelação de Peixes, apresentou-se da seguinte maneira, durante o período referido:

Pelo fim do mês de fevereiro do ano 07 a.C., apareceu, no crepúsculo da manhã, a Constelação dos Peixes. O planeta Júpiter saiu da Constelação de Aquário e encontrou-se com Saturno e Mercúrio, no signo de Peixes, dando lugar, à noite, e, conseqüentemente, ao fenômeno brilhante como se fosse um único astro brilhante. Na verdade, era a soma da luz solar refletida pelos três planetas: Júpiter, Saturno e Mercúrio. A presença desses dois, os maiores do Sistema Solar, resultou na rara e brilhante conjunção, conhecida como Estrela de Belém! Como se o Sol (Hélio), também estivesse transitando pelo signo de Peixes, a luz solar cobria toda a Constelação, durante o dia.

Em 12 de abril, deu-se o nascimento helíaco da “Estrela de Belém” na madrugada, pouco antes do nascer do Sol. Este foi o aparecimento no crepúsculo da manhã e a raridade está no fato de que, nessa posição do céu matutino, não existia a presença de estrela alguma, e eis que, de repente, surge uma nova e fulgurante, que guiaria a grande corte dos visitantes, com os Magos do Oriente: Gaspar, Melchior e Baltazar, da longa viagem, da Mesopotâmia a Belém, da Judeia, na Palestina, vindos para conhecer e adorar o Rei dos Judeus, cujo nascimento vinha sendo anunciado pela Estrela de Belém!

Foi essa milagrosa visão, no crepúsculo matinal que despertou a admiração dos Magos do Oriente! Um grande Rei nascia em Israel, na Palestina!

Os magos, gente atenta e estudiosa, logo se interessaram pelo divino anúncio celeste: o nascimento anunciado de um Rei, em Israel! Logo entenderam que o Deus Altíssimo avisava a humanidade, pelo céu noturno, sobre o nascimento do Messias, prometido há séculos ao povo hebreu, mas inteiramente esquecido em Jerusalém, não obstante o brilhante aviso divino manter-se, noite após noite, nos céus de Israel, sobre suas cabeças, como uma benção silenciosa às suas casas, mas totalmente ignorada! Um povo de cabeça dura... e desinteressado das decisões elevadas de seu próprio Deus, que o livrou do cativeiro do Egito com braço forte e carinhoso... Inesquecível!

Nessa data, então – 12 de abril – Júpiter, Saturno e Mercúrio encontraram-se no signo de Peixes. Em 29 de maio, registrou-se a primeira aproximação, sendo bastante visível por cerca de duas horas no límpido céu matutino! A segunda aproximação dos planetas teve lugar em 3 de outubro, acomodando-se Júpiter e Saturno e garantindo elevado brilho à Estrela Guia, graças ao empréstimo da luz solar, naturalmente.

Finalmente, em 4 de dezembro do ano 07 a.C., deu-se a terceira e última aproximação dos três planetas no signo dos Peixes! No fim de janeiro do ano 06 a.C. o planeta Júpiter passou da Constelação de Peixes para a Constelação do Carneiro...

Seria, então, 4 de dezembro do ano 07 a.C. o dia do nascimento de Jesus, o filho de Deus, Altíssimo, o Messias? Sim! Provavelmente, sim! Jesus Cristo nasceu em Belém!

Sabemos, de outro lado, que o idumeu, Herodes, o Velho, morreu no ano 04 a.C., logo, Jesus nasceu antes deste ano. E, além dos historiadores, dos astrônomos e dos astrólogos, aos meteorologistas, também coube dar opinião para a fixação da época e da data do nascimento do Messias.

Desse modo, a Virgem Maria revela: “Nessa mesma região havia pastores que na noite velavam e faziam, a guarda ao seu rebanho” (Lucas: Cap. 2. 8 a 20). Eis que um

anjo do Senhor apareceu sobre eles e disse: “Hoje nasceu na Cidade de Davi um Salvador, que é o Cristo. Senhor, ... encontrareis um menino numa manjedoura. – Vamos até Belém!” — decidiram os pastores —, e partiram apressados. Ao chegar, encontraram Maria, José e o Menino Jesus, na gruta de Belém, tal como lhes disse o anjo! Estava acontecendo a primeira manifestação de reconhecimento – epifania – público e de homenagem pelo nascimento de Jesus Cristo, o Messias!

Na verdade, ao chegarem a Belém e constataram que não havia lugar para eles na estalagem, e como a temperatura era muito fria, Maria e José entenderam a necessidade, pois o parto era iminente! Decidiram entrar em uma gruta próxima, escolhida por Maria, acreditando que mais tarde encontrariam acolhimento em uma casa e o auxílio de uma parteira. Como de fato deve ter acontecido e se pode constatar em dois fatos do Evangelho, e a chegada dos Magos e sua corte do Oriente. Pela leitura de Mateus 2.1 a 12, conclui-se que: “Quando entraram na casa...Ou seja, já estavam, então, sob um teto; um abrigo. Não mais na gruta, exposto, Jesus, na manjedoura, berço primitivo de sua voluntária pobreza”.

As concepções e crenças astrológicas, ligadas ao Zodíaco - Segundo a concepção dos caldeus, que viviam na Babilônia, entre os rios Tigre e o Eufrates, o signo de Peixes era uma Constelação do Ocidente, das terras do Mediterrâneo. Para os próprios israelitas, Peixes era um signo tradicional dos judeus, isto é, o signo do Messias. Essa constelação encontra-se no fim de uma velha e no início de uma nova trajetória do Sol. Nada mais lógico, portanto, que eles vissem no fenômeno, a chegada de uma nova era! Júpiter era considerada uma estrela da sorte, da realeza e “o portador da felicidade”, como designou o erudito Gustav Holst, autor inglês da moderna suíte *Os Planetas*.

Também é verdade que milhares de judeus viviam na Babilônia, desde os tempos do conquistador Nabucodonosor e, possivelmente, muitos deles frequentaram a Escola Astrológica de Sippar, absorvendo os conhecimentos astronômicos e as influências astrológicas em suas vidas. Na Babilônia daquele tempo, permaneciam os israelitas escravizados por

Nabucodonosor que se adaptavam e passavam a viver e a trabalhar como imigrados. Estavam distantes os tempos em que Davi, depois seu filho, Salomão, garantiam liberdade, prosperidade, poder e domínio do povo hebreu!

Tem início a perseguição contra Jesus, recém-nascidos - Mas, o sanguinário criminoso Herodes, embora velho e decrepito, ao sentir que fora enganado pelos magos, e por não haverem retornado a informação sobre o local em que deviam ter homenageado o recém-nascido Messias, enfurecido, decidiu vingar-se. Apressou-se, então e ordenou aos soldados romanos que matassem a todos os meninos nascidos em Belém da Judeia, com menos de 2 anos, acreditando que dessa maneira a ameaça ao trono seria eliminada. Perpetrava, assim, o sangrento episódio da Matança dos Inocentes pertence a um episódio da estrela dos Reis Magos, ao evangelho da infância de São Mateus. Os magos haviam perguntado pelo rei dos judeus – Mateus 2, 11 — e Herodes — que ocupava o posto de rei dos judeus na época inventa um stratagema para averiguar quem poderia ser aquele que considerava um potencial usurpador, pedindo aos magos que o informassem ao seu regresso. Quando soube que voltaram por outro caminho, ficou muito irado e mandou massacrar, em Belém e nos arredores, todos os meninos de 2 anos para baixo, conforme o tempo exato que havia indagado aos magos (Mt 2,16).

“Ouviram-se uma voz em Ramá. Uma lamentação e um grande pranto: É Raquel que chora os seus filhos e não quer ser consolada, porque já não existem”. Avisada em sonho, a Sagrada Família fugira, na noite anterior, para o Egito, pois Deus já profetizara: “Do Egito, chamei o meu filho”. **¶**

Celso de Almeida Cini

Cadeira 37 - Patrono Afonso Schmidt

CARTOLA

Saudade do Cartolinha Clube

*Hildebrando
Pafundi*

Em 5 de setembro de 1961, eu e alguns colegas de escola fundamos o Cartolinha Clube, que realizava grandes bailes no Palácio de Mármore, com orquestras e conjuntos musicais famosos e cantores de sucesso, como Miltinho, Renato Guimarães, Cauby Peixoto e outros. O clube participou de dois desfiles de carnaval de rua, na categoria bloco, apresentando os temas *Cangaceiros* e *Pedras Preciosas*, e promoveu o concurso Rainha do Comércio, com baile de coroação realizado em 1964, no Palácio de Mármore. Na época, surgiram outros clubes, com os mesmos objetivos: a convivência social entre jovens sem acesso a entidades importantes da cidade, dentre as quais se destacavam Ocara Clube e o Clube Panelinha.

No início da década de 1960, além do Cartolinha, foram fundadas outras entidades congêneres, como Levesara Clube, Snake's Clube, Apache Clube, T.N.T. Clube, Wood's Faces Clube, Odin Clube e Clube dos Vinte. Representantes de todas essas entidades estiveram reunidos no antigo Bar Balderi, na Rua Senador Fláquer, em 30 de setembro de 1962, participando da primeira reunião ordinária de fundação da Associação dos Clubes de Santo André. Infelizmente, a primeira e única realizada. Ainda como forma de conagraçamento, essas agremiações chegaram a promover um torneio de futebol interclubes, no Parque Estoril, em São Bernardo do Campo.

Em outubro de 1962, enviamos ofício ao então prefeito de São Bernardo, Lauro Gomes, solicitando-lhe colaboração financeira para realização dos festejos carnavalescos do ano seguinte, com promessa de desfilarmos naquela cidade. A resposta negativa veio em 12 de novembro de 1962:

Ilmo. sr. Hildebrando Pafundi, DD. Presidente do Cartolinha Clube, Santo André. Senhor Presidente (...).

Embora reconhecendo o alcance social do empreendimento, bem como a maneira sempre elogiosa com que vem havendo o Cartolinha, não nos é possível no momento, atender a pretensão de V.S.^a. em face de compromissos realmente muito sérios assumidos pela Prefeitura em matéria de educação, saúde e urbanização da cidade de São Bernardo do Campo.

Esperamos poder ser-lhes úteis numa melhor oportunidade, renovamos a V.S.^a. nossos protestos de estima e elevada consideração. Cordialmente, Lauro Gomes – Prefeito Municipal.

Com o passar do tempo alguns dos fundadores do Cartolinha Clube foram se cansando e abandonando as atividades, uns deixaram de comparecer às reuniões e outros se mudaram de Santo André, e os encontros ficaram cada vez mais vazios.

Mesmo sem querer, na falta de outro nome, cheguei a ocupar a presidência do clube. Diversas pessoas fizeram parte da fundação e das atividades do Cartolinha, com as quais perdi o contato há vários anos. Infelizmente, na falta de documentos para recorrer, não tenho como mencionar os demais e a lista seria muito longa.

Nelson Granziera, tradicional comerciante da moda, na época proprietário da loja Candelabro, em sociedade com o teatrólogo Augusto Maciel, foi eleito o primeiro presidente. O último, que hoje faz parte do Fórum da Cidadania, foi Waldir Nicoluche.

Mas o nome do Cartolinha Clube e sua logomarca — uma cartola sobre uma bengala, no melhor estilo da alta sociedade — eram famosos e, por meio de acordo informal foram assumidos por Arlindo Mazzini – um dos pioneiros em agência de empregos na região – que passou a promover bailes, a partir de 1969, no antigo Clube da Firestone, que ficava na Travessa Santo Amaro, nº 76, no Bairro Jardim, em Santo André, hoje depósito dos Correios.

Porém, havia uma grande diferença. Fundamos o Cartolinha com intenção de participar de atividades culturais, lazer e sociais na cidade de Santo André, por meio de uma entidade sem fins lucrativos, enquanto Arlindo Mazzini transformou-o em empreendimento comercial.

Posteriormente, transferiu esses bailes para o salão Catedral do Samba, em Rudge Ramos, em São Bernardo do Campo, hoje Catedral Hall, onde permaneceu por alguns anos. Soube, mais tarde, que deixara essa atividade.

E o Cartolinha Clube desapareceu melancolicamente do cenário cultural, social e lazer de Santo André.

Mas deixou saudade.

Razão pela qual o acordo foi desfeito. **I**

Hildebrando Pafundi

Cadeira 23 - Patrono Tristão de Athayde

Poesias



O GIGANTE DO LARGO DOS AMORES¹

O que contemplas, ó vate divino?
o que procuras em cada sol poente?
nosso céu mais uma estrela ganhou
nossa vida, mais beleza,
nossa prosa, mais poesia
o coreto mais cobiçado ficou
a baía já se rende a teus pés
mas a tarde não traz refrigério
a noite sua mudez revelou
os sinos ainda dobram por ti
a marabá mais sozinha está
e o mar penitente se agitou
ao naufrágio de certo navio
nos baixios dos Atins.

O que divisas, ó mestre divino?
o que persegues em meio às alturas?
não viste as nuvens pesadas
o rosto do astro ocultar?
acaso não ouves o canto do guerreiro,
os sons da trompa, as vozes em toadas,
o canto do índio, a canção do tamoio?
acaso olvidaste o canto do Piaga,
o rugir das tempestades carregadas?
não guardaste a lembrança
do moço tupi na taba timbira?
não sofreste cruas ânsias fundadas?
não ensinaste que a vida é combate
que os fortes apenas pode elevar?

¹ Originalmente publicado em: FERRO, Ana Luiza Almeida. *1612: os papagaios amarelos na Ilha do Maranhão e a fundação de São Luís*. Curitiba: Juruá, 2014, p. 757-759.

O que cismas, ó artífice divino?
o que inspira a tua mão?
as visões do valente Tabira?
os maracás e os manitôs?
és agora o gigante de pedra
arreatado de contida ira
quem há que te iguale?
quem há que te exceda?
quem há que te fira?
descansas em eterna vigília
não podes dizer derradeiro adeus
mil arcos se retesam em mira
mil setas se cruzam em tributo
mil poemas se doam em memória.

O que especulas, ó arauto divino?
o que buscas no incerto horizonte?
és mais alto que as altivas palmeiras
onde cantava o magistral sabiá
mais alto que a bela mangueira
onde se aconchegam as frutas useiras
mais alto que o Morro do Alecrim
onde muito bravo pereceu
estás bem diante das beiras
no centro da praça encantada
a cortejar Maria Aragão
tão longe das capoeiras
tão dentro do Olimpo
tão perto de Tupã.

O que eleges, ó favorito da Musa?
o que esperas da brisa inconstante?
afasta a tentação da mãe d'água
liberta-te do cruel Anhangá
desce do alto da palmeira
deixa para trás tua frágua
e vem cá desfrutar os primores
que não encontraste por lá
volta à era do corpete, da anágua
quando se morria de amor
vem desposar Ana Amélia
há cura para toda mágoa
no Largo dos Remédios
no Largo dos Amores.

Ó Gigante do Largo dos Amores
de pés imponentes sobre o mar
ouve meu canto, meu lamento
retoma a pena, fecunda o papel
põe a máscara, dedilha a lira
volve teus olhos sem tento
e desce para tornar a encher
com teus últimos cantos
meio paz, meio tormento
no leito de folhas verdes
nossa vida de mais beleza
ao sabor de cada momento
nossa prosa de mais poesia
nossos dias de mais Gonçalves. **T**

Ana Luiza de Almeida Ferro
Sócio Correspondente - São Luiz (MA)

AONDE VAI ESTE MUNDO

Insanas batalhas
Sangrentas mortalhas
Destroem o homem
Escurecem a terra
No gemido das guerras
É de se indagar
Aonde vai este mundo?

Mulheres na dor oprimidas
Crianças abandonadas
Pobres idosos sem teto
A desigualdade permeia
Escurece a lua cheia
É de se indagar
Aonde vai este mundo?

Muitos de fome perecem
Poucos se fartam do pão
Sobram os pratos vazios
Nas secas mãos dos famintos
Estendidas para o medo
É de se indagar
Aonde vai este mundo?

Os homens fabricam armas
Inconsequentes as disparam
Travam entre si batalhas
Sem perceber que os aguarda
A mesma fria mortalha
É de se indagar
Aonde vai este mundo?

Ante a destruição o planeta
Chora a morte dos peixes
Em suas águas poluídas
Fauna e flora destruídas
Ganância a cercear vidas
É de se indagar
Aonde vai este mundo?

Nota da autora: Poesia classificada em 1º lugar, categoria Autor Estrangeiro, no X Prêmio Scrivere, em 2017, em Roma (Itália).

CANTO DO FUTURO

Quero entoar um canto
Que seja de paz, amor e alegria
Para comemorar a vida,
O renascer da consciência
A paz entre os povos, o fim da demência
A preservação da Terra,
Nossa mãe por excelência!

Quero entoar um canto
No palco do florido amanhecer
Ver o rei Sol nascer radiante
Festejar nas matas o verde brilhante
As águas puras e cristalinas
Os animais enfim respeitados
A Terra reverenciada, o descaso ser passado.

Quero entoar um canto
Para comemorar o fim das maldades
Festejar o nascer da igualdade
Aplaudir a responsabilidade coletiva
Sabendo ser passado o mundo à deriva
Que as queimadas, garimpos e derrubadas
Foram do mundo segregadas!

Quero entoar um canto
Com o coro das crianças com direito à infância
Com os jovens desfrutando o futuro
Festejar adulto encaminhado
O idoso respeitado e amparado
Com família reunida em torno da mesa
E o desfavorecido tratado com nobreza.

Quero entoar um canto
Que ecoe nas águas dos sete mares
Que banhe os rios de bênçãos e proteção
Que a mãe Terra respire enfim livre da devastação
Que seja ouvido pelas aves e os animais em extinção
Que acorde os consumistas desenfreados
Para entenderem que o desrespeito é passado.

Meu canto é sonho distante
Somos poucos para mudar o cenário
Do universo nas mãos de mercenários
A voz da floresta, o soluço das águas poluídas
O lamento triste dos animais em extinção
O grito da mãe Terra rasgando o universo
A submissão do meio ambiente ao sistema perverso.

Quero entoar um canto
Convido-os irmãos e amigos para que cantem comigo
Cantemos a libertação da natureza,
A água cristalina dos rios, a liberdade dos animais
A proteção e o respeito ao meio ambiente
A paz e a igualdade entre os homens.
Cantemos, creiam, o cenário será diferente!

LOUCOS CÍRCULOS

Pobres mentes giram em múltiplos círculos
Divagam sob fraca a luz da lua minguante
Visitam as constelações estendidas no céu
Perdem-se entre as nuvens da busca eterna.

Sonham desvendar mistérios dos cometas
Sentem-se fragilizadas no imenso planeta
Aninham-se silenciosas em macios ninhos
Dourados celeiros a acalantar novas vidas

Indiferente às dores do mundo reluz o Sol
Mesclando-se a nuances divinas do arco-íris
Berço das legiões de querubins apaixonados
Coral de anjos a entoar harmoniosos cantos.

Delicados cenários rebordados de esperança
Tablado iluminado por estrelinhas cadentes
Onde os homens anseiam bailar a longa valsa
Melodia escrita nas pautas e pausas serenas

Mas a rotina embaralha em círculos tais almas
Carentes de abraços, toques, palavras amigas
Vidas perdidas nas rotas frias da melancolia
Esperando milagres no nascer da primavera.

Pobres mentes giram em múltiplos círculos
Divagam sob fraca a luz da lua minguante
Visitam as constelações estendidas no céu
Perdem-se entre as nuvens da busca eterna. **T**

Ana Stoppa

Cadeira 09 – Patrono Rinaldo Gissoni

ONDE FOI QUE ERRAMOS

O que há de errado
num país como este?
Que tem o calor do sol tropical,
tem a beleza das matas verdejantes,
tem a riqueza das jazidas minerais,
tem o esplendor das noites enluaradas.
Tem as costas cobertas por lindas praias
e tem um povo alegre e hospitaleiro.

O que há de errado
com meu país?
Se tudo eu faço para vê-lo feliz,
se pago impostos para enriquecê-lo.
Se vibro com as cores da nossa bandeira,
se me empolgo com nosso Hino Nacional.
Se me faço esperançoso para vê-lo crescer,
se voto certo em pessoas honestas!

O que há de errado
com o meu Brasil?
Praticou algum pecado?
Ou foi punido por Deus?
Deixou de cumprir leis?
Ou esqueceu-se do bem?
Ou simplesmente recolheu suas armas!
Ou na verdade deixou-se perder?
Ou deixou-se levar pela fraqueza moral?
Ou, de certa forma, mudou sua bandeira?

O que há de errado
somos nós, então?
Pisamos na bola por alguma razão
ou deixamos de cumprir a verdadeira missão?
Crescemos os olhos pelos desejos alheios?
Acho que ilusões nos fizeram mudar
e se a reconhecemos é hora de acordar.
Avante meu povo brasileiro
vamos consertar o nosso erro!

TOQUE DA PAIXÃO

Quando me disseste, um dia,
até me lembro com emoção
e tanto me encheu de alegria
que, certamente, sorriu meu coração.

Eu precisava tanto de carinho,
pois me faltava o toque da paixão.
Faltava o brilho que vem de mansinho
surfando as notas de uma canção.

A paz da alma que me faltava
foi aos poucos de mim se aproximando.
Senti, então, a onda que se quebrava
e vi o amor fluindo me acenando.

Foi quando tu me disseste
“que ninguém morre sem ter a vida!”
Acreditei em Deus que nos veste
com a roupa que nos cura da ferida.

PERDÃO

Acordei cedo,
pois não conseguia dormir!
O sono acabou ou,
simplesmente era o medo?
Não sei não,
será que fraquejei?
Meu Deus como pode
eu não implorar perdão!
Cometi um desatino
reconheço, não nego,
mas confesso não queria
ser tachado de cretino.
Fiquei triste,
mas pensei em mim!
Que farei sem ela
se este mal persiste?
Perdão pensei
a única solução, creio!
De todas alternativas
a melhor que encontrei.
Vou ter sim
que implorar o seu perdão,
a única razão
de me encontrar em mim.
De ver a flor
se abrir em meu jardim
e colher os frutos da semente
que germinar em nosso amor.

A FARDA VERDE-OLIVA

Nos meus tempos de soldado
a pátria estava viva,
a bandeira tremulava,
a tropa exaltava
a beleza da farda oliva
e o nosso hino era cantado.
As estrelas que brilhavam
no peito dos generais
enalteciam a nossa terra
e não temíamos a guerra,
pois os nossos ideais
eram tão fortes, não falseavam.
Cada soldado levava no peito
a grandeza da pátria amada
colocada nas alturas
e nas batalhas muito duras
não nos afastávamos por nada.
Pois a nossa meta era o direito!
Defendíamos com unhas e dentes
o nosso dever de soldado,
a nossa pátria querida,
a razão da nossa vida.
O torrão que foi destinado
a nós e a nossos descendentes.
Respeitávamos a nossa hierarquia,
pois os exemplos que ficavam
nutriam a nossa liberdade.

E o respeito à verdade
era o que nos tornava
defensores no dia a dia.
Coronéis, capitães e tenentes
orgulhosos de seus deveres
comandavam com dignidade
fileiras de praças com ferocidade
cuidando de seus afazeres
com disciplina e consistentes.
Hoje não sei o que aconteceu;
as fileiras não marcham no mesmo passo,
o espírito de luta não se vê!
Será tudo culpa da TV?
As estrelas não brilham mais no espaço,
o comando do general emudeceu?

NÃO POSSO BRILHAR

É difícil chegar ao fim
da estrada percorrida
e notar que não foi colhida
a flor mais linda do seu jardim.
A semente que foi plantada
germinou e lançou raízes,
surgiu o broto e seus matizes
resplandeciam com a alvorada.
Nem mesmo o sol do meio-dia
era capaz de murchar as pétalas
daquelas folhinhas acéfalas
que só produziam alegria.
Tudo isso me fez pensar
em toda a minha vida de luta.
Se minha voz o povo não escuta,
então, eu não posso brilhar.
Se não brilho ninguém me verá
e se ninguém, efetivamente, me vir
o sol certamente vai nascer,
mas a luz do meu caminho faltará!

NÃO VEJO A FLOR

Por mais que eu tente
me enganar
não consigo ser feliz.
Não tenho o brilho
em meu olhar
e não sou louco,
por um triz.
Já fiz de tudo
para amar,
mas não encontro
meu benquerer.
Se o meu mundo
desabar
aí sim, não vou viver.
Será que é tão
difícil assim
encontrar
um grande amor?
Se há tanta
felicidade
por que, então,
não vejo a flor? **¶**

Sebastião Geraldo F. Gomes
Cadeira 01 – Patrono Gustavo Teixeira

MIGALHAS DE PÃO, MIGALHAS DE VIDA

Migalhas de pão, migalhas de pouco,
migalhas de nada, migalhas de vida.
Mergulhar as mãos, massa, invocação
migalhas esbranquiçadas viver disperso
Grãos delicados acariciando o lugar
de uma presença percebida, bem-vinda
enquanto aguardam o destino procurado
para absorver o que de melhor foi criado.

Cantando no limbo do ser feliz
no limiar da vontade em concórdia
todos perscrutados, procuram o alimento
indiferentes à necessidade de guarda
Para se alegrarem com o sonho desejado
De migalhas, a melhor visão deformada
E assim, a cada olhar possuído
Viver em paz, e no amor desfrutado. ¶

Giovanni Monopoli
Sócio Correspondente - Taranto (Itália)

AS ALMÔNDEGAS MÁGICAS DE MARTINA

As saborosas almôndegas da Martina
são a harmonia perfeita
entre ovos frescos da galinha do fazendeiro
queijo fresco e picante,
salsa colhida ao amanhecer
com um véu de geada,
pão velho em leite encharcado
para dar a ele um sabor refinado
com apenas um toque de alho perfumado.

Diz a lenda que foi Vênus, a deusa do amor
que fez tantas delas e todas em forma de coração.

Ela veio aqui para Martina
para fazer truloterapia*
e depois resolver seus problemas amorosos habituais.

Então ela fez muitas e muitas
dessas almôndegas e todas estavam perfeitas
ela as mergulhou em óleo fervente
e um perfume impertinente subiu...

Os deuses desceram em massa do Olimpo
e as comeram em grandes quantidades
Em seguida, brindaram com aquele vinho rosé
que parece vir de um mundo encantado.

Brindaram com volúpia
cochilaram ao som do canto das cigarras
na inigualável floresta de Pianelle
onde cada árvore era encantada
porque todas as frutas eram semelhantes
às almôndegas perfeitas.

Se você ainda quiser prová-las hoje
em Martina Franca você as encontrará
e então... graças à receita
assim que voltar para sua casa,
como que por mágica, as saboreará
mergulhadas em um bom molho. **T**

*Trata-se de uma poesia regional, que exalta um dos pratos típicos de Martina Franca, distrito de Taranto, na Itália, cidade natal da autora.

Teresa Gentile
Sócio Correspondente - Taranto (Itália)

EXALTAÇÃO À GUANABARA

(extraído do livro *Brasil dos meus Sonhos*)

Abre-se um palco de beleza rara!
Entre luzes e sons a GUANABARA
surge esplendente, radiosa e bela!
E uma chuva de pétalas de rosas
cai de mãos magníficas, formosas,
colorindo uma mística aquarela.

E no cenário imenso, a natureza
exibindo um conjunto de beleza,
de graça, de magia, de fulgor,
mostra ao mundo, ao turista, ao forasteiro,
o mais bonito solo brasileiro,
e o poder magistral do Criador.

Em terna alegoria vai passando
soltando penas, um suave bando
de andorinhas, pardais e beija-flores...
E nos jardins formosos, bem tratados,
vão surgindo casais de namorados
trocando beijos, prometendo amores.

A natureza toda se engalana!
Num contorno de luz, Copacabana
surge encantada ao redor de espumas,
e as sereias morenas, voluptuosas,
se espreguiçam na areia, buliçosas,
sob um sol escaldante ou sob brumas.

E no desfile de bonitas praias,
tão brancas como peças de cambraias,
vê-se a beleza imensa e sem igual,
onde o homem deixou que ali ficasse
e para sempre se perpetuasse
a obra de Deus, sem par, ao natural.

As alamedas, seus jardins floridos,
os seus lagos tão mansos, coloridos,
são refúgios a quem procura a paz...

Ao fugir-se dos dias agitados,
nesses recantos belos, sossegados,
qualquer cansaço aos poucos se desfaz.

No panorama imenso das favelas,
lenços brancos pendentes das janelas
dizem adeus ao dia que descamba...
E ao som de cuícas e pandeiros,
as cabrochas se unem aos parceiros,
descem do morro num gostoso samba.

E a vida que ferve na Cidade
(sob um sol escaldante de verdade)
palpita ante a festa magistral!
Aos poucos, irmanados com carinho,
todos se veem no imenso burburinho
de mãos dadas em pleno carnaval.

No dorso das montanhas, nas cascatas,
no suave frescor das suas matas,
há um misto de amor e de pecado:
Onde se firma a fé vendo o infinito,
em se sentindo a vida há o conflito
entre a alma e o corpo lado a lado.

Há típicos pregões nas avenidas!
nas estátuas de bronze erigidas
vê-se a história de heróis e bravos...
Pois foram palco suas ruas quentes
do martírio do grande Tiradentes,
e da história triste dos escravos.

E do alto, do imenso da colina,
o Cristo Redentor, reina e domina
dando à Cidade bençãos, proteção...
E vibrante, imponente, a GUANABARA,
num festival de luzes se escancara,
em verdadeira glorificação! **¶**

Gioconda Labecca

In memoriam

OS VENTOS... OS VENTOS

Vem das altíssimas regiões andinas,
qual entidade mística, sombria,
um vento frígido que se irradia
nas dimensões tamanhas das campinas.

Traz no seu bojo, além de alvas neblinas,
toda a tristeza amarga da invernia;
quanto mais rijo o sopro, mais esfria,
e gela as coisas, desde as cavatinas.

Ventos também do caos, assim glaciais,
ao se espriarem pelo mundo a fio,
tudo solapam, pois são ventos maus.

Talvez por isso, oh míseros mortais,
o vosso coração é duro e frio
como os ventos dos Andes e do Caos!...

PRIMAVERIL

Abro a janela, quanta luz... Agora,
aqui e alhures há trinis sobejos,
as borboletas cruzam, em adejos,
sobre o debrum de flores vale a fora.

Pela alegria que minh'alma implora
e à glorificação dos meus desejos,
os pintassilgos trinam os seus harpejos,
e o meu jambeiro antigo se colora.

Chega, orgulhosa, Sua Majestade,
espargindo fragrâncias pelo espaço,
para compensação da minha espera.

Glorioso amor! Oh, carne de uma idade!
Amar nas dimensões do próprio paço
a única Rainha, a bela primavera!...

GRANDE SERTÃO

Grande sertão... Veredas sinuosas...
Por toda parte o verde aveludado,
claras manhãs, um pôr-do-sol rosado,
vagando alhures um odor de rosas...

Deixei no meu sertão, o cão e o gado,
o riacho de águas doces, murmurosas,
disse adeus às criaturas amorosas,
e ao feroso corcel por mim domado!...

Buscara, então, nas luzes da cidade,
um turbilhão de sonhos e aventuras
no meio só de feras, não de humanos!

Oh! Ilusão de um crente! Na verdade
o meu dossel de amor e de aventuras,
era o sertão dos meus dourados anos!...

ALMAS REDIVIVAS

Ouçó, em surdina, dóridos lamentos...
Vozes que clamam pelo ritornelo
do amor que foi extremamente belo
e foi, também, a fonte de tormentos...

Chora um violino, dobra um
violoncelo,
tudo, crisol de puros sentimentos...
Sons de louvor dos místicos conventos,
e as emoções de um ciumento Otelo!...

Nos nervos dessas cordas sensitivas,
os fatos, mais profundos, numerosos,
a marulhar soluços de agonias...

Almas que sofrem, creio, redivivas,
nos instrumentos célicos, gloriosos,
para espargir um mundo de elegias!... **T**

Rinaldo Gissoni

In memoriam

Discursos de Posse



PRONUNCIAMENTO DE APRESENTAÇÃO

Maria Zulema Cebrian

Boa noite, senhoras e senhores,

Ao ler o livro *O Egípcio* de Mika Waltari, me deparei com a apresentação do personagem Sinuhe. Conto-lhes o que me ficou na memória: “Eu, Sinuhe, não escrevo para a glória dos Deuses da terra de Kan, porque estou cansado de deuses, tampouco escrevo por medo ou qualquer esperança no futuro, escrevo por mim, apenas. É apenas por minha causa que escrevo”.

Numa manhã ensolarada, o telefone tocou e uma voz feminina me disse:

— Bom dia! A senhora não me conhece, sou Guaraciaba Gissoni, filha de Rinaldo Gissoni. A gerente da Livraria Siciliano, de Santo André, me indicou seu nome para que pudéssemos conversar sobre as edições dos livros de meu pai.

Uma longa e agradável conversa fluiu por bom tempo, e tive, naquele momento, um *déjà vu*. Marcamos uma reunião na editora: Gissoni, Guará e eu.

Sem imaginar que naquele momento se iniciariam duas grandes amizades e que nos tornaríamos companheiros de caminhada. Juntos nos transformamos inseparáveis e confidentes. Eu, editando as obras de meu querido amigo e saudoso Rinaldo Gissoni, de quem me tornei editora. Com Guaraciaba Gissoni, uma grande amizade e cumplicidade

nasceu desse trabalho maravilhoso e ela, além de revisora das obras de seu pai, passou a trabalhar em minha editora e, depois, aqui em nossa Academia. E lá se vão 23 anos, durante os quais, unidas pelo trabalho e pelas afinidades na arte de escrever e pela contumaz vontade de aperfeiçoar nosso trabalho por meio da literatura, desfrutamos juntas de bons momentos.

Apresentadas as circunstâncias em que o destino prazerosamente cruzou nossos caminhos, vou falar da *Novel Acadêmica*.

Conviveu desde tenra idade com a literatura por ter sido apresentada aos livros e revistas infantis aos 8 anos de idade. Depois que descobriu a biblioteca de seu pai, passou a ler os clássicos de Graciliano Ramos, Jorge Amado, entre tantos. Ávida devoradora dos textos jornalísticos passou a ler o *Última Hora*, no qual Nelson Rodrigues escrevia suas crônicas e contos.

Poliglota, diplomou-se em Língua Italiana, pelo Instituto Cultural Ítalo-brasileiro e a aprimorou pelo Instituto Dante Alighieri, em Milão. Tem formação em Francês, pela *Université de Nancy*, no Curso de Literatura e Civilização Francesa. Sua inquietude intelectual a levou a estudar na Escola Panamericana de Arte, diplomando-se em Decoração.

Morou em Estados do Brasil como Minas Gerais, Bahia, Santa Catarina e São Paulo e, sua estadia na Europa possibilitou-lhe comparar diferentes realidades e desafios, agitando sua criatividade.

Começou a escrever, ainda menina, fazendo descrições dos lugares que via, imaginava e, depois, já adolescente, passou a escrever histórias de príncipes em cavalos brancos e princesas, cujos vestidos eram idênticos aos dos filmes que assistia e das histórias que lia. Essa vivência e a leitura deram vida ao seu interesse pelos aspectos sociais e a percepção da grande distância entre sonhos e a dura realidade.

Terminado o curso de História e Literatura Francesa, escreveu alguns contos em Francês, mais tarde, editou dois livros de contos dedicados aos “ignóbeis problemas das mulheres”.

Sua obra dedicada a todas as “Evas” é um aprendizado e eu lhe agradeço em nome delas. Bem-vinda, estou certa de que sua presença honrará e nos ajudará a elevar a cada dia o nome de nossa instituição. A Academia de Letras da Grande São Paulo a acolhe com uma salva de palmas! **T**

Maria Zulema Cebrian
Presidente

PRONUNCIAMENTO DE POSSE

Guaraciaba Gissoni

Ilustríssima senhora Maria Zulema Cebrian, insigne presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo, minha madrinha. Digníssimos participantes da mesa e autoridades presentes. Caríssimos Acadêmicos e Acadêmicas. Queridos amigos, amigas, irmãos e familiares. Ademar. Boa Noite.

Obrigada por terem deixado o conforto de seus lares para participarem deste momento tão especial para mim.

No final do célebre conto filosófico *Candide*, o escritor francês Voltaire nos dá um conselho que procuro seguir, pois acredito ser bastante eficaz: “Cultivai vosso jardim”, especificando que o Jardim do Éden não foi criado para que o homem encontre descanso, mas para que ali trabalhe para exercitar seu talento, e cultivar seus amigos.

Ao ser convidada para fazer parte da Academia de Letras da Grande São Paulo, não titubeei, pois vivi desde o primeiro momento a sua história. Foram anos com muitas mudanças de endereço pelo ABC paulista até que, em 10 de outubro de 2002, Gissoni e seus companheiros foram acolhidos pelo então prefeito Luiz Olinto Tortorello, de São Caetano do Sul. O sonho tornou-se realidade e segue vivo, graças ao apoio da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, na pessoa de José Auricchio Junior, atual prefeito da cidade.

Não posso deixar de citar a dedicação das escritoras Gioconda Labecca e Maria Zulema Cebrian que, assessoradas por Maria Aparecida Mancini Fedatto, continuaram o árduo trabalho de manter vivo e pulsante o amor pela literatura brasileira.

Pedi que meu patrono fosse o escritor Judas Isgorogota, que contempla a Cadeira 18. Este poeta, com certeza, enobrece o elenco dos 40 patronos brasileiros que apadrinham os escritores desta Casa, pois à medida que se aprofunda em sua história, percebe-se quanto é importante, rica e profícua.

Pseudônimo do jornalista e poeta Agnelo Rodrigues de Mello, Judas Isgorogota nasceu em Lagoa da Canoa, distrito de Traipu, em Alagoas, em 15 de setembro de 1898. Casou-se, em 1933, com a escritora e professora Nazira Cesar de Mello com quem teve uma filha, chamada Rima-Augusta — Rima, como ele dizia, para não se ter dúvidas de que era filha de um poeta. Isgorogota faleceu na cidade de São Paulo, em 10 de janeiro de 1979.

Foi considerado, em sua época, um dos mais admiráveis representantes da inteligência nordestina em São Paulo. Filho de indígenas, aos 6 anos de idade foi levado pelos pais do sertão para a capital Maceió. Ali viveram tempos

de penúria, pois, como ele dizia com orgulho, seu pai era sapateiro. Estudou no Colégio Sagrado Coração de Jesus e no Instituto Benjamim Constant. Após perder o pai, por volta dos 15 anos, foi para Recife, onde morou e trabalhou por algum tempo.

Ao voltar para Maceió estreou na literatura com *Caretas de Maceió*, que eram poesias humorísticas com críticas às personalidades da época. Eram publicadas, inicialmente, no jornal humorístico *O Bacurau*. Continuando sua carreira jornalística, trabalhou nos periódicos *Correio da Tarde* e *Jornal de Alagoas*.

Suas primeiras tentativas poéticas iniciaram-se durante a Primeira Grande Guerra. Admirava os poetas Bocage e Augusto dos Anjos e deles procurava estudar as características de suas poesias — ritmo, imagens e maneiras de escrever. Foi um dos fundadores da Academia dos Dez Unidos que, em Maceió, refletia a revolução literária paulistana de 1922.

Aos 24 anos mudou-se para São Paulo, seguindo sua vida jornalística. Na época do Movimento Literário que aconteceu na cidade, realizou uma enquete, por meio da qual foram ouvidas importantes personalidades: Monteiro Lobato, Guilherme de Almeida, Menotti Del Picchia, Silveira Bueno, Plínio Salgado e Paulo Setúbal.

Por esta época publicou seu primeiro livro, *Divina Mentira*. Em seguida, publicou *Recompensa* que recebeu menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, e teve três edições, sendo que uma delas se esgotou em São Paulo. Cito, entre tantas, algumas outras suas obras: *Desencanto*, *Os Que Vêm de Longe*, *João Camacho*, diversos livros de poesias, inclusive poesias infantis, e uma novela.

Em 1957, conheceu a fama no Brasil e no exterior quando, além do lançamento do livro *Recompensa* em italiano, teve diversas de suas poesias publicadas em muitos outros idiomas. Ganhou várias menções honrosas e prêmios, inclusive do Pen Club de São Paulo, da Academia Brasileira de Letras e o Jabuti, tendo sido o primeiro em 1927, e o último, em 1961.

Autor de diversas peças musicais, organizou o Primeiro Concurso de Música Brasileira, promovido pela Rádio Gazeta, que premiou com medalhas de ouro os artistas vencedores. Alguns deles aí obtiveram sua primeira oportunidade.

Conto-lhes a ascendência deste homem, com suas próprias palavras:

Aconteceu no começo do século XIX. Um caçador encontrou nas matas de Palmeira dos Índios, na então Província de Santa Madalena das Alagoas, uma indiazinha

dentro de um samburá que pendia de uma carnaubeira... devia ter alguns meses de idade. Os pais, que teriam ido à caça, ali a deixaram, a coberto de dolorosas surpresas. O samburazinho, porém, aguçou a curiosidade de um caçador, que carregou consigo a inocente filha dos terríveis “papa-bispos” do Cururipe. Anos depois, fez que ela se casasse com um indígena das margens do São Francisco, em Traipu.

Descendo dessa indiazinha. Sou, portanto, um brasileiro que pode se orgulhar de ter uma “árvore” genealógica, da qual é figura principal a própria árvore — uma carnaubeira, que é ao mesmo tempo, símbolo majestoso da resistência brasileira contra todas as intempéries.

E... como nasceu o pseudônimo Judas Isgorogota? Bem no início de sua carreira, ao publicar o soneto *Madrepérola*, Agnelo Rodrigues de Mello foi acusado de plágio pelo também poeta Rodriguez Melo, que sem muita demora reconheceu que a cópia fora apenas no nome.

Nosso poeta explica sua escolha:

Judas, na tragédia bíblica, simboliza o *homem possível*, da mesma maneira que Jesus representa o *homem impossível*, ou seja — o *homem perfeito*. Judas bem poderia

servir de nome de guerra, para um poeta que queria *judiar* da humanidade. Motivo pelo qual assinei, *Judas Isgorogota*. O Isgorogota nada mais era que simples corruptela de Iscariote. E então nasceu Judas que acabaria sendo mesmo um Judas, traindo o próprio criador, isto é, me traindo e tomando o meu lugar, liquidando de uma vez por todas com o meu nome...

Por fim, o apresento a vocês através de um seu poema.

Recompensa

Certa manhã deixei a minha casa...
Cinco e meia, talvez,
talvez seis horas da manhã da vida...
Um sol vermelho, de um vermelho brasa,
por sobre a estrada adormecida,
em completa mudez,
derramava-se todo
numa tonalidade futurista...
Era manhã quando saí de casa...
E o sol, vermelho, de zarcão, dizia:
— “Para onde vai esse menino doido
que nem espera que lhe venha o dia?”

Cheio de minha fé, saí disposto
para a conquista
da primeira curva
do caminho; porém,
logo à tardinha o sol esmaeceu
e eu vi que havia rugas em meu rosto
e a minha vista
já ficava turva
como a vista do sol que envelheceu...
e passo a passo, envelheci também...

De volta, meus sonhos apagados
joelhos vertendo dor, pés descarnados,
sem um gesto, entretanto, de revolta,
ando à procura de uma cova rasa
onde eu, mártir da fé, pobre e infeliz,
possa, enfim, encontrar a recompensa
de uma conquista imensa
que não fiz!

Era manhã quando saí de casa. **T**

Guaraciaba Gissoni



ISSN 2447-438X

